



**Escola Superior  
de Educação**

Politécnico de Coimbra

# **A transição entre a Educação Pré-Escolar e o 1.º Ciclo do Ensino Básico**

Departamento de Educação

Mestrado em Educação Pré-Escolar e 1.º Ciclo do Ensino Básico

2021, Inês Filipa Carvalho



**Escola Superior  
de Educação**

Politécnico de Coimbra

Inês Filipa Carvalho

## A transição entre a Educação Pré-Escolar e o 1.º ano do 1.º Ciclo do Ensino Básico

Relatório Final de Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo de Ensino  
Básico, apresentado ao Departamento de Educação da Escola Superior de Educação de  
Coimbra para obtenção do grau de Mestre

Constituição do Júri

Presidente: Professora Doutora Maria Filomena Rodrigues Teixeira

Arguente: Professor Doutor Luís Carlos Martins d'Almeida Mota

Orientadora: Professora Doutora Maria de Fátima Fernandes Neves

Julho, 2021

## **Agradecimentos**

À minha mãe, por toda a liberdade e confiança que me deu ao longo de todo o meu percurso académico. Obrigada por todos os esforços que fez para me permitir concretizar um sonho.

Aos meus queridos avós paternos, por serem a base de uma infância que me educou para o resto da vida.

Ao meu tio, às minhas tias e à minha madrinha por todo o amor e cuidado que sempre tiveram comigo.

Aos meus amigos e amigas que fizeram parte deste percurso inesquecível.

Ao Afonso, pelo companheirismo, paciência, amizade e amor.

A todas as professoras e educadoras com quem me cruzei. Os seus exemplos foram cruciais neste percurso.

A todas as crianças, com as quais aprendi enquanto profissional e como pessoa.

À Professora Doutora Maria de Fátima Neves, por todo o conhecimento que partilhou, pela paciência e disponibilidade que sempre demonstrou.

A tantas outras pessoas que se cruzaram comigo, obrigada.

## **A transição entre a Educação Pré-Escolar e o 1.º ano do 1.º Ciclo do Ensino Básico**

**Resumo:** O presente relatório foi realizado no âmbito do Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico, da Escola Superior de Educação de Coimbra, e tem como principal objetivo aprofundar o conhecimento sobre a temática da transição entre a Educação Pré-Escolar e o 1.º ano do 1.º Ciclo do Ensino Básico.

Com base nas experiências curriculares e de acordo com o interesse pessoal, considerei pertinente estudar este tema, na medida em que as transições são momentos de grande importância no percurso escolar das crianças. Assim, elaborei uma pesquisa sustentada em autores que se têm debruçado sobre o tema, de forma a elaborar a fundamentação teórica deste trabalho.

Posteriormente, realizei um estudo empírico tendo sido aplicado um inquérito por questionário a encarregadas de educação de crianças a frequentarem o último ano da educação pré-escolar, bem como a educadores/as de infância e professores/as do 1.º CEB, visando perceber como é que encarregadas de educação e profissionais educativos/as vivenciam esta transição.

Por fim, elaborei a análise de dados e a discussão dos mesmos para retirar conclusões, terminando com algumas considerações finais.

**Palavras-chave:** Transição; Educação Pré-Escolar; 1.º CEB; Encarregados/as de Educação; Educadores/as de infância; Professores/as do 1.º CEB.

## **The transition between Pre-School Education and the 1st year of the 1st Cycle of Basic Education**

**Abstract:** This report was carried out within the scope of the Master in Pre-School Education and Teaching of the 1st Cycle of Basic Education, from the Higher School of Education of Coimbra, and its main objective is to deepen the knowledge about the transition between Pre-School Education and the 1st year of the 1st Cycle of Basic Education.

Based on the curricular experiences and according to personal interest, I considered it pertinent to study this theme, as the transitions are moments of great importance in the children's school path. Thus, I elaborated a research based on authors who have been working on the theme, in order to elaborate the theoretical foundation of this work.

Subsequently, I carried out an empirical study and a questionnaire was applied to parents of children attending the last year of pre-school education, as well as to early childhood educators and teachers from the basic school, in order to understand how parents and educational professionals experience this transition.

Finally, I elaborated the data analysis and the discussion of the same to draw conclusions, ending with some final considerations.

**Keywords:** Transition; Pre-School Education; Basic Education; Caregivers of Education Early; Childhood Educators; Teachers of the 1st Cycle of Basic Education.

## Índice

INTRODUÇÃO .....	1
PARTE I – COMPONENTE TEÓRICA .....	4
<b>1. A transição entre a educação pré-escolar e o 1.º CEB</b> .....	5
<b>2. As diferenças e as semelhanças entre a educação pré-escolar e o 1.º CEB</b> .....	7
<b>3. A importância da preparação para a transição para o 1.º CEB</b> .....	11
<b>4. Estratégias para facilitar a transição entre a EPE e o 1.º CEB</b> .....	13
<b>5. O papel da família na transição para o 1.º CEB</b> .....	16
<b>6. O papel do/a educador/a na transição para o 1.º CEB</b> .....	17
PARTE II – COMPONENTE INVESTIGATIVA .....	20
<b>1. Contextualização do estudo</b> .....	21
1.1 Problemática .....	21
1.2 Pertinência do estudo .....	22
1.3 Objetivos .....	23
<b>2. Metodologia</b> .....	24
2.1 Natureza do estudo .....	24
2.2 Amostra .....	25
2.3 Instrumentos e técnicas de recolha e análise de dados .....	25
2.3.1 Inquérito por questionário .....	25
2.3.2 Instrumentos de análise de dados .....	28
<b>3. Apresentação e análise de dados</b> .....	29
3.1 Questionário aos/às encarregados/as de educação (Q1) .....	29
3.2 Questionário aos/às educadores/as de infância (Q2) .....	40
3.3 Questionário aos/às professores/as do 1.º CEB (Q3) .....	49
Discussão dos dados obtidos .....	58
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	63
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	66
APÊNDICES .....	71
APÊNDICE I – Questionário aos/às Encarregados/as de Educação (Q1) .....	72
APÊNDICE II – Questionário aos/às Educadores/as de Infância (Q2) .....	76
APÊNDICE III – Questionário aos/às Professores/as do 1.º CEB (Q3) .....	80

## Lista de Acrónimos

1.º CEB – 1.º Ciclo do Ensino Básico

EPE – Educação pré-escolar

OCEPE – Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar

CNE – Conselho Nacional de Educação

## Lista de tabelas

TABELA 1 - OBJETIVOS GERAIS DA EDUCAÇÃO PRÉ-ESCOLAR E DO ENSINO BÁSICO. ADAPTADO DE SERRA (LEIGO, 2020, PP. 54 E 55). .....	8
TABELA 2 - TABELA DE COMPARAÇÃO DAS OCEPE E DO PROGRAMA DO 1.º CEB. ADAPTADO DE LEIGO (2020, P. 56).....	10

## Lista de gráficos

GRÁFICO 1 - GRAU DE PARENTESCO DAS ENCARREGADAS DE EDUCAÇÃO.....	29
GRÁFICO 2 - IDADE DAS ENCARREGADAS DE EDUCAÇÃO.....	30
GRÁFICO 3 - PROFISSÕES DAS ENCARREGADAS DE EDUCAÇÃO. ....	31
GRÁFICO 4- DATA DE NASCIMENTO DO(A) FILHO(A). ....	32
GRÁFICO 5 - NÚMERO DE CRIANÇAS QUE VÃO TRANSITAR, OU NÃO, PARA O PRIMEIRO CICLO.....	33
GRÁFICO 6 - NÚMERO DE CRIANÇAS QUE ESTÃO PREPARADAS, OU NÃO, PARA TRANSITAR PARA O 1.º CEB. ....	33
GRÁFICO 7 - RAZÕES PELAS QUAIS AS CRIANÇAS ESTÃO PREPARADAS PARA TRANSITAREM, OU NÃO, PARA O PRIMEIRO CICLO.....	34
GRÁFICO 8 - NÚMERO DE CRIANÇAS CUJA TRANSIÇÃO FOI INFLUENCIADA, OU NÃO, PELA PANDEMIA COVID-19. ....	35
GRÁFICO 9 - RAZÕES RESULTANTES DA PANDEMIA COVID-19. ....	35
GRÁFICO 10 -NÚMERO DE ENCARREGADAS DE EDUCAÇÃO ANSIOSAS COM A TRANSIÇÃO. ....	36
GRÁFICO 11 - RAZÕES PELAS QUAIS AS ENCARREGADAS DE EDUCAÇÃO ESTÃO ANSIOSAS COM A TRANSIÇÃO. ....	37

GRÁFICO 12 - RAZÕES PELAS QUAIS AS ENCARREGADAS DE EDUCAÇÃO NÃO ESTÃO ANSIOSAS COM A TRANSIÇÃO. ....	37
GRÁFICO 13 - RESULTADOS DAS RESPOSTAS DAS ENCARREGADAS DE EDUCAÇÃO. ....	38
GRÁFICO 14 - RESULTADOS DAS RESPOSTAS DAS ENCARREGADAS DE EDUCAÇÃO. ....	39
GRÁFICO 15 - SEXO DOS/AS EDUCADORES/AS. ....	40
GRÁFICO 16 - FAIXA ETÁRIA DOS/AS EDUCADORES/AS. ....	40
GRÁFICO 17 - FORMAÇÃO ACADÉMICA DOS/AS EDUCADORES/AS. ....	41
GRÁFICO 18 - ANOS DE SERVIÇO DOS/AS EDUCADORES/AS. ....	42
GRÁFICO 19 - NÚMERO DE EDUCADORES/AS QUE CONHECEM O PROGRAMA DO 1.º CEB. ....	43
GRÁFICO 20 - NÚMERO DE EDUCADORES/AS QUE REÚNEM COM OS/AS PROFESSORES/AS DO 1.º CEB. ....	43
GRÁFICO 21 - FREQUÊNCIA DAS REUNIÕES ENTRE EDUCADORES/AS E PROFESSORES/AS DO 1.º CEB. ..	44
GRÁFICO 22 - NÍVEL DE IMPORTÂNCIA DAS REUNIÕES ENTRE EDUCADORES/AS E PROFESSORES/AS DO 1.º CEB. ....	45
GRÁFICO 23 - NÚMERO DE EDUCADORES/AS QUE COSTUMAM ORGANIZAR VISITAS À ESCOLA DO 1.º CEB. ....	45
GRÁFICO 24 - NÚMERO DE EDUCADORES/AS QUE CONVERSAM COM AS CRIANÇAS SOBRE A NOVA ETAPA. ....	46
GRÁFICO 25 - NÚMERO DE EDUCADORES/AS QUE DISCUTEM E PLANIFICAM ATIVIDADES COM OS PROFESSORES/AS DO 1.º CEB AO LONGO DO ANO LETIVO. ....	46
GRÁFICO 26 - FREQUÊNCIA DAS ATIVIDADES PLANEADAS POR EDUCADORES/AS E PROFESSORES/AS AO LONGO DO ANO LETIVO. ....	47
GRÁFICO 27 - ESTRATÉGIAS QUE PROMOVEM A ARTICULAÇÃO ENTRE O JARDIM DE INFÂNCIA E A ESCOLA DO 1.º CEB. ....	48
GRÁFICO 28 - SEXO DOS/AS PROFESSORES/AS. ....	49
GRÁFICO 29 - FAIXA ETÁRIA DOS/AS PROFESSORES/AS. ....	50
GRÁFICO 30 - FORMAÇÃO ACADÉMICA DOS PROFESSORES/AS. ....	50
GRÁFICO 31 - ANOS DE SERVIÇO DOS PROFESSORES/AS. ....	51
GRÁFICO 32 - NÚMERO DE PROFESSORES/AS QUE TÊM EM CONSIDERAÇÃO OS CONHECIMENTOS QUE AS CRIANÇAS TRAZEM DA EPE. ....	52
GRÁFICO 33 - NÚMERO DE PROFESSORES/AS QUE CONHECE AS OCEPE. ....	52
GRÁFICO 34 - NÚMERO DE PROFESSORES/AS QUE COSTUMAM REUNIR COM OS/AS EDUCADORES/AS. ....	53
GRÁFICO 35 - FREQUÊNCIA DAS REUNIÕES ENTRE PROFESSORES/AS E EDUCADORES/AS. ....	54

GRÁFICO 36 - GRAU DE IMPORTÂNCIA QUE OS/AS PROFESSORES/AS ATRIBUEM ÀS REUNIÕES. ....	55
GRÁFICO 37 - NÚMERO DE PROFESSORES QUE DISCUTE E PLANIFICA ATIVIDADES COM OS EDUCADORES/AS. .....	55
GRÁFICO 38 - FREQUÊNCIA DAS ATIVIDADES REALIZADAS. ....	56
GRÁFICO 39 - ESTRATÉGIAS QUE OS/AS PROFESSORES/AS CONSIDERAM ADEQUADAS PARA PROMOVER A ARTICULAÇÃO ENTRE A EPE E O 1.º CEB. ....	57



# **INTRODUÇÃO**

No sistema educativo português, as transições entre os diferentes níveis de escolaridade representam o início de um novo ciclo na vida de todas as crianças.

A transição da educação pré-escolar para o 1.º CEB representa, muitas vezes, uma alteração de rotinas, de estabelecimento educativo, de docente, de colegas, entre outros aspetos importantes. Segundo Sim-Sim (2010) “Ao deixar o jardim de infância, a criança perde um espaço conhecido, um profissional de referência, rotinas e hábitos instalados e a segurança perante o que conhece e lhe é habitual” (p.111).

Por seu lado, Serra (2004), defende:

é importante refletirmos sobre as grandes diferenças entre estes dois níveis educativos uma vez que, apesar de se organizarem com objetivos educativos e metodologias de trabalho substancialmente diferentes, professores e educadores têm o mesmo público-alvo – a infância – e ambicionam o mesmo: ajudar as crianças a crescer harmoniosamente, a serem cidadãos responsáveis, a terem igualdade de oportunidades na sociedade em que estão inseridos e a aprenderem

No presente Relatório aborda-se esta temática, procurando compreender o ponto de vista de encarregados/as de educação sobre a transição da educação pré-escolar para o primeiro ano do 1.º CEB, muito particularmente, neste ano escolar atípico. Para além do ponto de vista das famílias, considerou-se, igualmente, pertinente saber o que pensam os/as educadores/as de infância e os/as professores/as do 1.º CEB sobre este momento tão importante na vida das crianças.

Assim, este Relatório integra duas partes. A primeira parte diz respeito à componente teórica, onde é feita uma contextualização do tema. Abordam-se as diferenças e semelhanças entre a EPE e o 1º CEB, refere-se a importância da preparação para a transição para o 1º CEB e as estratégias para reforçar esta transição. Por fim, faz-se uma análise sobre o papel da família e do/a educador/a na transição para o 1.º CEB.

A segunda parte diz respeito à componente investigativa, onde é realizada uma contextualização do estudo. Primeiramente, é apresentada a problemática, a pertinência do estudo e, por fim, os objetivos da investigação, apresentando-se, de seguida, a metodologia, a natureza do estudo, a amostra, os instrumentos e as técnicas de recolha

e análise de dados. Faz-se, ainda, a apresentação e análise dos dados, bem como a sua discussão.

Por fim, apresentam-se as considerações finais e as referências bibliográficas.

## PARTE I – COMPONENTE TEÓRICA

## **1. A transição entre a educação pré-escolar e o 1.º CEB**

Segundo o dicionário Priberam (2020, p.1), o conceito de transição diz respeito ao “ato ou efeito de transitar; passagem de um lugar, assunto, tom ou estado para outro; trajeto.”

A transição da educação pré-escolar para o primeiro ano do primeiro ciclo do ensino básico representa uma passagem entre níveis educativos, sendo uma das primeiras transições marcantes a que as crianças, e os/as encarregados/as de educação, são sujeitos ao longo da vida. De acordo com Bastos (2007, citado por Pires, Brito, Velho, 2020) “o processo de transição entre estes dois contextos é marcante na vida da criança, sendo complexo por envolver a influência de inúmeros fatores, como a construção da identidade e a alteração do contexto relacional.” (p.70).

Ao longo da vida e do percurso escolar, as crianças são sujeitas a mudanças e acontecimentos que vão influenciar a sua personalidade e o seu carácter. No momento da transição da EPE para o 1.º CEB, a criança encontra-se a viver os seus primeiros anos de vida, tendo já alguns traços da sua identidade definidos. Assim, é importante que todas as mudanças a que são sujeitas sejam preparadas e apoiadas de forma a deixarem marcas positivas na construção da sua identidade.

Serra (2004, citado por Pires, Brito, Velho, 2020) reforça que:

as situações de transição atuam através da criação de pontes de interconexão entre uma situação prévia e uma situação posterior, nomeadamente a adaptação à mudança. São as diferentes vivências e transições pelas quais a criança passa que vão permitir a construção natural da sua identidade (p.69).

A forma como a transição é pensada, planeada e executada reflete-se nas crianças e, conseqüentemente, nos seus comportamentos. Uma transição carregada de experiências negativas pode transformar, de forma menos positiva, a vida das crianças, assim como, suscitar sentimentos que as possam vir a perseguir em futuras etapas da sua vida, como, por exemplo, o medo, a negação e a ansiedade.

Se, pelo contrário, esta passagem entre ciclos educativos decorrer de forma harmoniosa, pode proporcionar momentos e aprendizagens muito benéficas para as crianças, para as suas famílias e para os/as educadores/as e professores/as. Sim-Sim (2010) defende que

“Se soubermos como atuar, este momento pode ser sentido como algo muito positivo, como um estímulo ao desenvolvimento da criança, e também como um momento de colaboração especial entre profissionais de educação e entre a família e esses mesmos profissionais.” (p.112).

Uma transição representa uma alteração na vida das crianças, que é vivida e sentida de forma individual e distinta. As transições não são todas iguais, algumas delas acontecem diariamente, outras fazem parte das etapas pelas quais a criança é sujeita até completar a escolaridade obrigatória. As OCEPE (2016) referem que existem dois tipos de transições, as transições horizontais e verticais. As transições horizontais são as “(...) transições que fazem parte da nossa vida quotidiana (...)” (p.97). São exemplo destas transições aquelas que ocorrem entre contextos (família, escola e sociedade), a chegada diária à escola e o adeus aos/às encarregados/as de educação, entre outros. Já as transições verticais são “(...) socialmente construídas e estabelecidas pelos sistemas educativos (...)” (OCEPE, 2016, p.97), como a transição para um nível educativo diferente. A passagem da educação pré-escolar para o 1.º ciclo do ensino básico é um exemplo deste tipo de transição.

Segundo as OCEPE (2016) “São essas as transições que particularmente preocupam docentes e pais/famílias, que se interrogam como a criança irá lidar com a nova situação.” (p.97). Uma transição horizontal faz parte da rotina de cada criança, ou seja, torna-se um hábito e acaba por ser aceite pelas crianças com o passar do tempo. Uma transição vertical ocorre esporadicamente e, por isso, é frequente causar mais receio, ansiedade ou alguma reação menos boa, por ser um momento diferente, fora da rotina e dos hábitos diários a que a criança está acostumada.

É normal que sejam as transições verticais, que causam mais preocupação aos/às professores/as e aos/às encarregados/as de educação, não só pelo receio da adaptação das crianças, mas também, por serem grandes desafios para os/as próprios/as encarregados/as de educação. Acompanhar e auxiliar as crianças, nesta passagem, transmitindo calma, segurança, confiança e alegria é importante para que ela decorra favoravelmente.

De acordo com o Roldão (2008)

“A transição deverá ser uma passagem harmoniosa, regulada no interior de uma organização” (p.191), pelo que a transição exige sempre uma atenção especial de todos os intervenientes envolvidos, particularmente, entre as instituições e profissionais de educação pré-escolar e do 1º ano do ensino básico.

## **2. As diferenças e as semelhanças entre a educação pré-escolar e o 1.º CEB**

Segundo Alarcão (2008) “Se a educação pré-escolar tem uma função predominantemente socializadora, a escolarização básica orienta-se para a estruturação dos saberes de base, indispensáveis a cada cidadão” (p. 205).

A EPE e o 1.º CEB são dois níveis educativos distintos. A educação pré-escolar, como podemos constatar na Lei-Quadro (Lei n.º 5/97, de 10 de fevereiro), “(...) destina-se às crianças com idades compreendidas entre os 3 anos e a idade de ingresso no ensino básico e é ministrada em estabelecimentos de educação pré-escolar.” (artigo 3.º, ponto 1), sendo considerada como “(...) a primeira etapa da educação básica no processo de educação ao longo da vida (...)” (Lei n.º 5/97, de 10 de fevereiro, artigo 2.º). O 1.º CEB corresponde ao início da escolaridade obrigatória e apenas “Ingressam no ensino básico as crianças que completam 6 anos de idade até 15 de setembro.” (Lei n.º 46/86, de 14 de outubro, artigo 6.º). A mesma lei refere que “As crianças que completem os 6 anos de idade entre 16 de setembro e 31 de dezembro podem ingressar no ensino básico se tal for requerido pelo encarregado de educação, em termos a regulamentar.” (Lei n.º 46/86, de 14 de outubro, artigo 6.º). Após a criança ingressar no primeiro ciclo do ensino básico, existe um limite de idade para frequentar o ensino básico “A obrigatoriedade de frequência do ensino básico termina aos 15 anos de idade.” (Lei n.º 46/86, de 14 de outubro, artigo 6.º).

Em 2009 são realizadas alterações relativas ao ingresso na EPE “A educação pré-escolar é universal para todas as crianças a partir do ano em que atinjam os 5 anos de idade.” (Lei n.º 85/2009, de 27 de agosto, artigo 4.º). Passados 6 anos, em 2015, é realizada uma alteração à Lei n.º 85/2009, de 27 de agosto que afirma que “A educação pré-escolar é universal para todas as crianças a partir do ano em que atinjam os 4 anos de idade.” (Lei

n.º 65/2015, de 3 de julho, artigo 4.º). Assim, as crianças que tenham 4 anos de idade devem frequentar a educação pré-escolar.

A frequência de cada um dos graus de ensino é distinta. A Educação Pré-Escolar é de frequência facultativa, a lei n.º 5/97 de 10 de fevereiro refere que “a frequência da Educação Pré-Escolar é facultativa, no reconhecimento de que cabe, primeiramente, à família a educação dos filhos (...)” (artigo 3.º, ponto 2). Ou seja, as crianças só frequentam a educação pré-escolar se os/as seus/suas encarregados/as de educação quiserem, o mesmo não acontece com o primeiro ciclo do ensino básico. Este é o primeiro nível da escolaridade obrigatória, assim “todos os alunos com idades compreendidas entre os 6 e os 18 anos devem frequentar o regime de escolaridade obrigatória (...)” (Decreto-Lei n.º 176/2012, de 2 de agosto, artigo 6.º, ponto 1).

Serra (2004, citado por Leigo, 2020, p. 54), realizou um estudo comparativo, onde procurou estabelecer algumas pontes entre os objetivos definidos, relativamente à Educação Pré-Escolar e ao Ensino Básico, Lei n.º 5/97, de 10 de fevereiro, Lei-Quadro da Educação Pré-Escolar e Lei n.º 46/86, de 14 de outubro, Lei de Bases do Sistema Educativo.

**Tabela 1 - Objetivos Gerais da Educação Pré-escolar e do Ensino Básico. Adaptado de Serra (Leigo, 2020, pp. 54 e 55).**

Objetivos Gerais da Educação Pré-escolar enunciados na Lei n.º 5/97, de 10 de fevereiro – Lei-Quadro da Educação Pré-escolar (artigo 10.º)	Objetivos Gerais do Ensino Básico enunciados na Lei n.º 46/86, de 14 de outubro – LBSE (artigo 7.º)
a) Promover o desenvolvimento pessoal e social da criança com base em experiências de vida democrática numa perspetiva de educação para a cidadania.	i) Proporcionar a aquisição de atitudes autónomas, visando a formação de cidadãos civicamente responsáveis e democraticamente intervenientes na vida comunitária.
b) Fomentar a inserção da criança em grupos sociais diversos, no respeito pela pluralidade das culturas, favorecendo uma progressiva consciência do seu papel como membro da sociedade.	f) Fomentar a consciência nacional aberta à realidade concreta numa perspetiva de humanismo universalista, de solidariedade e de cooperação (...). g) Desenvolver o conhecimento e o apreço pelos valores característicos da identidade, língua, história

	<p>e cultura portuguesas.</p> <p>h) Proporcionar aos alunos experiências que favoreçam a sua maturidade cívica e sócio afetiva, criando neles atitudes e hábitos positivos de relação e cooperação (...).</p>
c) Contribuir para a igualdade de oportunidades no acesso à escola e para o sucesso da aprendizagem.	o) Criar condições de promoção do sucesso escolar e educativo a todos os alunos.
d) Estimular o desenvolvimento global de cada criança, no respeito pelas suas características individuais, inculcando comportamentos que favoreçam aprendizagens significativas e diversificadas.	a) Assegurar uma formação geral comum a todos os portugueses que lhes garanta a descoberta e o desenvolvimento dos seus interesses e aptidões, capacidade de raciocínio, memória e espírito crítico, criatividade, sentido moral e sensibilidade estética, promovendo a realização individual em harmonia com os valores da solidariedade social.
f) Despertar a curiosidade e o pensamento crítico.	l) Fomentar o gosto por uma constante atualização de conhecimentos.
h) Proceder à despistagem de inadequações, deficiências e precocidades, promovendo a melhor orientação e encaminhamento da criança.	j) Assegurar às crianças com necessidades educativas específicas, devidas, designadamente, a deficiências físicas e mentais, condições adequadas ao seu desenvolvimento e pleno aproveitamento das suas capacidades.

Após análise dos objetivos gerais da Educação Pré-escolar e do Ensino Básico enunciados pelas Leis, é possível verificar que as principais preocupações de ambos os níveis educativos assentam no desenvolvimento pessoal e social da criança, na promoção do seu sucesso escolar e no respeito das necessidades específicas de cada criança, contribuindo para a igualdade de oportunidades e para inclusão de todas as crianças.

Relativamente aos documentos que orientam as práticas dos dois níveis educativos, estes são distintos. A educação pré-escolar baseia-se nas Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (OCEPE), enquanto que o 1.º CEB é apoiado pelo Programa e pelas

Aprendizagens Essenciais. Na tabela que se segue, é possível comparar os documentos que fundamentam os dois níveis educativos.

*Tabela 2 - Tabela de comparação das OCEPE e do programa do 1.º CEB. Adaptado de Leigo (2020, p. 56).*

<b>Orientações Curriculares para a EPE: Áreas de Conteúdo</b>	<b>Programa do 1.º CEB: Aprendizagens Essenciais</b>
Área de Formação Pessoal e Social	Cidadania e Desenvolvimento
Área da Expressão e Comunicação:	Educação Artística:
Domínio da Educação Motora	Artes visuais
Domínio da Educação Artística	Expressão Dramática/Teatro
<ul style="list-style-type: none"> <li>● Subdomínio das Artes Visuais</li> <li>● Subdomínio da Dramatização</li> <li>● Subdomínio da Música</li> <li>● Subdomínio da Dança</li> </ul>	Dança
	Música
	Educação Física
Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à escrita	Português
Domínio da Matemática	Matemática
Área do Conhecimento do Mundo	Estudo do Meio
	Inglês

As Orientações Curriculares estão divididas em 3 áreas de conteúdo (Formação Pessoal e Social, Expressão e Comunicação e Conhecimento do Mundo), consideradas “(... como âmbitos de saber, com uma estrutura própria e com pertinência sociocultural, que incluem diferentes tipos de aprendizagem, não apenas conhecimentos, mas também atitudes, disposições e saberes-fazer)” (OCEPE, 2016, p.31). O programa do 1.º CEB encontra-se dividido em 4 anos de escolaridade. O 1.º e o 2.º ano de escolaridade são

compostos por 6 componentes curriculares, enquanto que no 3.º e o 4.º de escolaridade acresce uma disciplina, o Inglês. Segundo o despacho n.º 6944-A/2018, de 19 de julho, as (...) aprendizagens essenciais correspondem a um conjunto comum de conhecimentos a adquirir, identificados como os conteúdos de conhecimento disciplinar estruturado, indispensáveis, articulados conceptualmente, relevantes e significativos, bem como de capacidades e atitudes a desenvolver obrigatoriamente por todos os alunos em cada componente do currículo ou disciplina, tendo, em regra, por referência o ano de escolaridade ou de formação (p.1).

### **3. A importância da preparação para a transição para o 1.º CEB**

Gabriela Portugal (s/d, citada por Oliveira, 2016) defende que a transição entre a EPE e o 1.º CEB é “uma inevitabilidade que necessita de ser preparada e acompanhada pelos profissionais intervenientes, educadores e professores” (p. 125).

Sabendo do nível de exigência que todo o processo de transição carrega é importante existir entretida de todos os intervenientes, educadores/as, professores/as, encarregados/as de educação e as próprias crianças. “Porém, apoiar a transição e assegurar a continuidade não significa antecipar as metodologias e estratégias de aprendizagem consideradas próprias da fase seguinte.” (OCEPE, 2016, p.97) acarreta antes a necessidade “(...) de proporcionar, em cada fase, as experiências e oportunidades de aprendizagem que permitam à criança desenvolver as suas potencialidades, fortalecer a sua autoestima, resiliência, autonomia e autocontrolo, criando condições favoráveis para que tenha sucesso na etapa seguinte.” (OCEPE, 2016, p.97)

A educação pré-escolar pode ser considerada como uma preparação emocional e cognitiva que faculta, a todas as crianças que a frequentam, ferramentas para enfrentarem as etapas educativas que se seguem. Permite-lhes controlar e conhecer as suas emoções, criar condições para que desenvolvam a sua maturidade e a sua autonomia. Permite, ainda, dar-lhes liberdade para que conheçam o seu corpo e os movimentos que este é capaz de realizar, estimular-lhes a curiosidade e facultar-lhes a descoberta diária de tudo o que as envolve.

De acordo com Formosinho (2016, citado por Silva, 2020) “As transições são complexas porque multifacetadas, envolvendo situações inesperadas, uma pluralidade de atores, com características específicas, um dinamismo que não pode ser totalmente planificado porque decorre duma tessitura plural de relações e interações entre os muitos participantes e seus contextos” (p.33). A transição não é igual para todas as crianças, visto que, cada uma das transições envolve diferentes personalidades, ocorre em lugares distintos e em circunstâncias diferenciadas. As condições que um estabelecimento educativo oferece a uma criança no momento de transição, também não são iguais em todos os restantes estabelecimentos educativos, tal como a personalidade de cada criança e o momento de vida que atravessam é distinto para cada uma delas. Todos estes fatores vão influenciar a passagem da EPE para o 1.º CEB, pelo que algumas transições podem decorrer de uma forma mais pacíficas que outras.

Segundo Sim-Sim (2010, citada por Pires, Brito, Velho, 2020, p.70)

encontrar estratégias integradas e integradoras para este período, proporcionará as condições necessárias para que cada criança tenha uma aprendizagem com sucesso na fase seguinte (...), em colaboração com os pais, escola e em articulação com os colegas do 1.º CEB, a transição de sucesso para a escolaridade obrigatória.

Uma transição entre níveis educativos, como a transição entre a EPE e o 1.º CEB, necessita de ser apoiada e articulada por todos os intervenientes de ambos os níveis educativos, para que seja feita de forma pacífica e positiva, como se tratasse de envolver as crianças num meio familiar, onde se sentem protegidas, seguras e confiantes. Dar a conhecer, conversar, explicar e esclarecer dúvidas são alguns dos fatores que podem ajudar nesta passagem. Para a criança, conhecer o ambiente que a espera, na etapa seguinte do seu percurso educativo, já é um fator positivo que contribui para que a transição se vá fazendo de modo gradual. Segundo Nabuco (1992, citado por Oliveira, 2016):

Os momentos de transição entre ambientes educativos implicam algumas mudanças na organização do espaço, na organização do tempo e até nas metodologias utilizadas pelos docentes, no entanto poderão ser estimulantes para a criança. Contudo, estes contextos, nomeadamente o JI e a escola do 1.º

CEB, não poderão ser tão diferentes que deixem as crianças confusas e receosas (p. 120).

Uma mudança rápida, mal preparada e mal articulada pode representar uma grande dificuldade para as crianças. Um trauma, uma atitude de negação e medo são alguns dos efeitos que uma transição realizada de forma menos correta pode representar. Assim, é essencial que a transição entre os dois níveis educativos seja feita de forma calma, articulada, evolutiva e continuada. Ouvir as crianças durante esta etapa é essencial para que expressem o que sentem, de forma a que todos os/as intervenientes deste processo consigam ajudar a colmatar as dificuldades que possam existir e, de certa forma, despertar sentimentos positivos. Para Formosinho (1997, citado por Costa, 2019) “o sucesso da Educação Pré-Escolar depende muito do modo como for continuado o nível seguinte” (p.27).

#### **4. Estratégias para facilitar a transição entre a EPE e o 1.º CEB**

Sendo incontestável a necessidade de existir uma preparação para a transição da EPE para o 1.º CEB, é imprescindível definir estratégias para reforçar esta preparação. Uma das principais estratégias para minimizar os efeitos negativos da transição é estabelecer a continuidade entre níveis educativos. Serra (2004, citada por Costa, 2019) usou uma metáfora de Dinello (1987) que reflete a importância da articulação entre os dois ciclos educativos nesta transição:

(...) podemos perceber os conceitos de continuidade e articulação ao imaginarmos uma fila comprida de carruagens de um comboio. Ao longe dá a sensação de uma única unidade que se desloca de uma forma contínua. Mas, para o comboio se deslocar, necessita que, entre cada uma das carruagens, exista um engenho móvel que assegure um relacionamento do conjunto e uma relativa autonomia das partes diferenciadas que o constituem (p.75).

Esta metáfora faz-nos imaginar que cada carruagem do comboio corresponde a um nível educativo e, cada uma delas, está repleta de crianças cheias de vontade de passarem para a carruagem seguinte. No entanto, não o conseguem fazer sozinhas. Por isso, entre cada

carruagem estão os/as professores/as, os/as educadores/as e os/as encarregados/as de educação para ajudarem as crianças a transitarem para a carruagem seguinte sem caírem. Ajudar as crianças a transitarem, sem grandes dificuldades, para um novo nível educativo é um dos desafios que se deve colocar a todos/as os/as intervenientes do percurso educativo de cada criança.

Sim-Sim (2010) reflete que:

(...) é da máxima importância a articulação curricular ao nível da sequência nas aprendizagens, evitando percursos descontínuos, inconsistentes e repletos de sobressaltos. É, por isso, determinante que as aprendizagens implementadas no jardim de infância sejam um processo continuado e consolidado no 1º ciclo (p.113).

A articulação entre educadores/as e professores/as no processo da transição, é mais uma das estratégias essenciais para reforçar a transição da EPE para o 1.º CEB. Esta articulação consiste na cooperação, no diálogo, na entreaajuda e no planeamento de estratégias entre educadores/as e professores/as que facilitem toda esta etapa. Segundo Figueiredo (2006, citado por Gomes, 2020), “é imprescindível que os educadores e professores se relacionem, planifiquem atividades conjuntas onde as crianças de ambos os níveis participem com intenção de facilitar o processo de transição” (p.9). Nem todos os docentes planeiam a preparação para a transição de forma igual, o que não quer dizer que as diversas estratégias possíveis não sejam, igualmente, boas, independentemente das suas diferenças. O que importa é que cada educador/a e professor/a tenha em conta o grupo de crianças com as suas características individuais e coletivas e, em conjunto, definam e planifiquem atividades que privilegiem a continuidade educativa.

Para Marchão (2002, citado por Gomes, 2020) os profissionais “que colaboram, que encaram a aprendizagem das crianças numa perspetiva ecológica, em que as experiências anteriores permitem significados e necessariamente experiências futuras mais consistentes e concretas, podem contribuir para processos positivos de transição da criança do Pré-Escolar para o 1ºCiclo” (p.9). Esta cooperação entre educadores/as e professores/as deverá refletir-se, inevitavelmente, nas crianças, as quais ficam mais preparadas para a mudança de nível e de contexto educativos.

Ainda que a articulação entre docentes seja essencial em todo este processo, existem mais e distintas estratégias. As OCEPE (2016) definiram algumas dessas estratégias que ajudam nesta passagem entre níveis educativos:

Articulação entre docentes – Acordar os procedimentos de transição na equipa de educadores/as do mesmo estabelecimento (decidir, por exemplo, qual e como vai ser transmitida a pais/famílias e professores a informação sobre a aprendizagem realizada por cada criança, ou como assegurar apoio, ou garantir a sua continuidade, para crianças e famílias que necessitam); – Comunicação e debate entre educadores/as e professores/as do 1.º ciclo (processos e aprendizagens desenvolvidos na educação pré-escolar; – Delineamento de estratégias facilitadoras da transição e da continuidade do processo educativo); – Análise e debate comum das propostas curriculares para cada um dos níveis; – Comunicação de informação sobre o processo desenvolvido na educação pré-escolar e a aprendizagem realizada por cada uma das crianças; – Trabalho conjunto entre educadores/as e professore/as; – Envolvimento das crianças; - Conversar com as crianças sobre a transição; – Familiarizar as crianças com a escola do 1.º ciclo. – Facilitar a transição ao nível organizacional; – A participação dos pais/famílias (pp. 100, 101, 102, 103).

Estas estratégias assentam na análise e no conhecimento do percurso educativo de cada criança, no delineamento de práticas que facilitem a sua transição, no envolvimento dos/as encarregados/as de educação como parceiros deste processo e, imprescindivelmente, no envolvimento das crianças. É importante que elas tenham uma voz ativa, de forma a fazerem perceber como se sentem, o que esperam desta nova fase, quais os seus medos e quais as suas motivações. É importante não esquecer que as crianças são o centro desta transição, é nelas que devem estar focadas as atenções, pelo que é fundamental indo familiarizando-as com os aspetos essenciais da etapa seguinte, dando-lhes a conhecer, antecipadamente, o contexto e os/as profissionais que as vão acompanhar.

## 5. O papel da família na transição para o 1.º CEB

“Os pais/famílias, enquanto principais responsáveis da educação da criança, têm necessariamente um papel determinante nesta, como em todas as transições.” (OCEPE, 2016, p.103)

A família é um dos agentes educativos envolvidos no processo de transição da educação pré-escolar para o 1.º CEB, sendo responsável pela prestação de cuidados e pelo desenvolvimento da criança, assim como, pela transmissão de valores. Direta ou indiretamente, as crianças são influenciadas pela família no modo como vivenciam a transição. Sousa e Sarmento (2010, citadas por Leigo, 2020) defendem que o sucesso educativo das crianças, “está positivamente relacionado com a forma como a escola e a família encaram e desenvolvem essa missão comum” (p.59). É importante que a família esteja recetiva em colaborar e ajudar os/as profissionais de educação na passagem da educação pré-escolar para o 1.º CEB, de forma, a permitir um ambiente coeso para as crianças durante esta etapa tão importante e marcante do seu percurso escolar.

As relações afetivas, que o núcleo familiar das crianças lhes proporciona, são imprescindíveis para o bem-estar emocional e intelectual, fundamentais para o equilíbrio ao longo do seu crescimento. Diversos estudos concluem que a carência de afetos positivos nas relações familiares “podem comprometer significativamente as capacidades cognitivas e emocionais” (Brazelton & Greenspan, 2003, citados por Pereira, 2014, p.13).

No decorrer do processo de transição é importante que a família seja um apoio para a criança. Assim, é essencial a dinamização de um diálogo com as crianças

transmitindo-lhe uma visão positiva dessa passagem, como uma oportunidade de crescer, de realizar novas aprendizagens, de conhecer outras pessoas e contextos, de iniciar um novo ciclo, de forma a sentir confiança nas suas capacidades para dar resposta aos desafios que se lhe colocam (OCEPE, 2016, p.97).

Este diálogo deve também esclarecer dúvidas que as crianças possam manifestar, esclarecendo-as com a verdade. Omitir os desafios de um novo ciclo não será benéfico para as crianças, sendo essencial incentivar e tranquilizar as crianças para a entrada numa nova realidade.

A comunicação com as crianças é primordial, assim como a comunicação entre a família e o/a docente:

Se a comunicação que o/a educador/a estabelece com os pais/famílias é fundamental para facilitar a transição do meio familiar, ou da creche, para a educação pré-escolar, é também importante para que os pais/ famílias tenham um papel ativo no momento da transição para o 1.º ciclo (OCEPE, 2016, p. 103).

A família é um dos alicerces desta transição. O conhecimento profundo que têm da criança, os diálogos que estabelecem com elas, o conhecimento do seio familiar em que esta está inserida e como se comporta são fatores que, partilhados com os/as outros/as parceiros/as deste processo, vão contribuir para facilitar o processo de transição. Também a relação com o/a educador/a pode funcionar como uma mais valia para o sucesso da transição entre a educação pré-escolar e o 1.º ciclo do ensino básico.

A relação de comunicação estabelecida com cada família, através do acompanhamento do processo desenvolvido e da transmissão regular da avaliação dos progressos de aprendizagem da criança, pode ser complementada por um relatório final desses progressos, que poderá entregar ao/à professor/a que a vai receber, tornando-se mediadores dessa transição (OCEPE, 2016, p. 103).

A família é, assim, um alicerce, um mediador e conselheiro nesta etapa de vida das crianças. Segundo Vasconcelos (2008, citada por Gonçalves, 2013) “os saberes únicos e específicos dos pais são essenciais à educação de infância” (p.50).

## **6. O papel do/a educador/a na transição para o 1.º CEB**

O/a educador/a de infância é uma das figuras principais da educação pré-escolar, sendo o seu papel imprescindível nesta etapa educativa. O Decreto-Lei 241/2001 de 4 de agosto, refere:

(...) o educador de infância concebe e desenvolve o respetivo currículo, através da planificação, organização e avaliação do ambiente educativo, bem como das atividades e projetos curriculares, com vista à construção de aprendizagens

integradas.” E ainda “(...) mobiliza o conhecimento e as competências necessárias ao desenvolvimento de um currículo integrado, no âmbito da expressão e da comunicação e do conhecimento do mundo (Anexo nº1, ponto II - III).

Cabe ao educador/a planear e gerir o processo de aprendizagem de cada criança, o qual deverá ser o mais enriquecedor e integrador possível. É, ainda, função do/a educador/a proporcionar à criança momentos que lhe permitam conhecer e explorar o mundo, assim como, adquirir competências necessárias para a sua vida.

Portugal (2009) defende que “É tarefa do educador estimular e envolver as crianças nas atividades, procurando compreender o que é que realmente as mobiliza, o que é que é realmente importante para elas, quais as suas motivações, que sentido dão às atividades.” (p.13). No entanto, a mesma autora, refere que “Um educador acederá ao significado e motivações da criança, quando for capaz de estabelecer contacto com a criança, ganhar a sua confiança, fazendo com que esta queira partilhar os seus sentimentos, experiências e opiniões.” (p.13).

A comunicação entre educador/a e criança é, muitas vezes, um desafio, mas, quando conseguido, torna-se uma conquista de grande importância para as crianças e para os/as educadores/as. Comunicar com as crianças exige que consigamos observá-las e escutá-las, para as compreendermos, nos mais pequenos gestos, e, conseqüentemente, podermos responder às suas necessidades e interesses individuais.

Para além do trabalho diário que o/a educador/a desenvolve no jardim de infância, é importante refletir sobre o seu papel no processo de transição da EPE para o 1ºCEB. De acordo com Serra (2004, citada por Cruz, 2012) os educadores de infância deverão:

conhecer o nível seguinte, o seu modelo curricular e as exigências impostas pela avaliação formal no final de cada ciclo. É importante, também, conhecer o novo espaço em que se irá desenrolar o 1.º CEB, as potencialidades de desenvolver projetos comuns e a preparação das crianças, ao nível de competências essenciais, para que estas se sintam preparadas para os novos desafios impostos pela escolaridade obrigatória (p. 91).

O/a educador/a é como um/a apresentador/a da nova fase que as crianças vão enfrentar. Assim, é importante que domine o nível seguinte para que consiga guiar as crianças nesta apresentação de forma conhecedora.

Todos/as os/as educadores/as são profissionais individuais e, por isso, apresentam características pessoais e profissionais únicas

(...) nem todos os/as educadores/as concebem do mesmo modo o seu papel na transição. Importa, por isso, que no processo de avaliação e reflexão que acompanha as suas práticas, a equipa de educadores/as do estabelecimento ou do departamento de educação pré-escolar debatam em conjunto o que é fundamental para facilitar a transição (...) (OCEPE, 2016, p.100).

Tal como os/as educadores/as são donos de uma individualidade, as crianças também, apresentando, muitas vezes, um percurso distinto dos/as seus/suas colegas. Algumas permanecem no mesmo estabelecimento educativo ou agrupamento de escolas, enquanto outras crianças transitam para outras instituições. É essencial que “Em qualquer dos casos, o/a educador/a procurará saber como está a decorrer o início do 1.º ciclo e disponibilizar-se para dar o seu contributo e sugestões” (OCEPE, 2016, p.100).

Em suma, cabe ao/à educador/a preparar e auxiliar o processo de transição e articulá-lo com o/a professor/a de 1.º CEB. De acordo com Marchão (2002, citada por Pardal, 2019) “os profissionais de educação que conseguem colaborar, encarando as aprendizagens das crianças numa perspetiva ecológica, vendo as experiências anteriores como uma mais-valia, permite que as experiências futuras sejam mais sólidas e concretas.” (p.42).

## PARTE II – COMPONENTE INVESTIGATIVA

## **1. Contextualização do estudo**

### 1.1 Problemática

No presente estudo a problemática diz respeito à transição entre a educação pré-escolar e o 1.º ano do 1.º CEB. Segundo Sim-Sim (2010) “A transição entre ciclos de vida é sempre carregada de emoções e conotada com períodos de expectativa, stress e medos” (p.111). Sendo a mudança de nível de escolaridade um momento sempre importante, é fundamental estudar sobre a transição entre a educação pré-escolar e o 1.º ano do 1.ºCEB de forma a identificar os principais obstáculos sentidos pelas crianças, encarregados/as de educação e também pelos/as educadores/as e os/as professores/as do 1.º CEB nesta importante fase do percurso educativo das crianças.

É imprescindível que o percurso educativo de cada criança seja entendido como um todo, sendo essencial garantir a continuidade das práticas educativas e evitar uma rutura/descontinuidade no percurso escolar, até porque, se a transição for bem conseguida, pode ser um momento muito positivo, tal como Sim-Sim (2010) refere:

Esta transição, geradora de expectativas e de ansiedades, pode materializar-se em medos ou em desafios para o que transita e para os que acompanham a transição, i.e., a criança, o educador de infância, o professor do 1º ciclo e a família. Se soubermos como atuar, este momento pode ser sentido como algo muito positivo, como um estímulo ao desenvolvimento da criança, e também como um momento de colaboração especial entre os/as profissionais de educação e entre a família e estes/estas profissionais (pp. 111 e 112).

Enquanto aluna de um mestrado que permite a profissionalização, na educação pré-escolar e no 1.º CEB, considere importante estudar a problemática da transição entre a Educação Pré-Escolar e o 1.º Ciclo do Ensino Básico, tentando compreender a forma como é sentida pelos/as encarregados/as de educação, educadores/as de infância e professores/as do 1.º CEB e pelas crianças. Inicialmente, pretendia-se recolher dados entrevistando crianças e aplicando questionários a encarregados/as de educação, educadores/as de infância e professores/as do 1.º CEB. No entanto, devido ao

confinamento, provocado pela pandemia Covid-19, não foi possível entrevistar as crianças. Assim, a investigação abrange os/as encarregados/as de educação, os/as educadores/as de infância e os/as professores/as do 1.ºCEB.

## 1.2 Pertinência do estudo

A Educação é um direito de todos/as nós. E, também, um dever enquanto cidadãos e cidadãs ativos/as, de modo a contribuir para uma sociedade mais justa e igualitária.

Ainda que a educação pré-escolar não faça parte da escolaridade obrigatória, segundo o Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória (Ministério da Educação, 2017):

A Lei-Quadro da Educação Pré-Escolar (1997), no esteio da LBSE, veio reafirmar o imperativo de garantir o acesso ao sistema educativo o mais precocemente possível, pelo que se consagrou a educação pré-escolar (dos 3 anos à idade de ingresso na escolaridade obrigatória) como a primeira etapa da educação básica ao longo da vida (p.8).

O facto de não ser obrigatória a frequência da Educação Pré-escolar contribuiu para que, durante muito tempo, uma grande parte das crianças iniciasse o seu percurso educativo na escola do 1.º CEB. No entanto, atualmente o número de crianças a frequentar o jardim de infância é significativo. Com efeito, segundo a PORDATA, em 2019, estavam matriculadas no ensino pré-escolar 243.719 crianças. As alterações à Lei de Bases do Sistema Educativo, pela Lei n.º 65/2015 de 3 de julho veio, certamente, contribuir para este aumento de frequência da educação pré-escolar, uma vez que determinou que “A educação pré-escolar é universal para todas as crianças a partir do ano em que atinjam os 4 anos de idade.” (artigo 4.º, ponto 1).

Perante esta realidade, é importante refletir sobre o impacto que a entrada no 1.º ano do 1.º CEB poderá causar nas crianças e nos/as encarregados/as de educação. Ao longo do meu percurso académico desenvolvi a minha prática pedagógica, no primeiro ano de mestrado, com uma turma de 5 e 6 anos e, no segundo ano de mestrado, estagiei com 1.º ano do ensino básico. Nestes dois contextos, foi possível constatar a ansiedade e a preocupação com que os/as encarregados/as de educação viviam esta transição. Assim,

é importante tentar perceber como é que as crianças e os/as encarregados/as de educação vivenciam e encaram a transição entre estes níveis de escolaridade, para além de ser, igualmente, relevante conhecer a opinião dos/as educadores/as de infância e professores/as do 1.º CEB.

### 1.3 Objetivos

A transição implica sempre a perda e a separação de algo conhecido e, simultaneamente, a integração num contexto novo e desconhecido, envolvendo o medo do que é estranho, o abandono de rotinas estabelecidas e a aprendizagem de comportamentos e atitudes adequados aos novos ambientes (sociais e físicos) (Sim-Sim, 2010, p. 111).

Como refere Vasconcelos (2007, citada por Costa, 2019) “assegurar que cada transição seja bem-sucedida é fundamental e significativo para o bem-estar social e emocional da criança, mas simultaneamente, importante para o seu desempenho cognitivo” (p.54).

Nesta fase de transição, cabe aos educadores/as de infância e aos professores/as de 1.º CEB assegurar e facilitar o processo de transição, respeitando os conhecimentos e as diferenças de cada criança preparando-as para os novos desafios impostos pela escolaridade obrigatória.

Tendo em linha de conta estes pressupostos, são objetivos deste estudo: identificar as principais preocupações dos/as encarregados/as de educação no processo de transição entre a educação pré-escolar e o 1.º ano do 1.º CEB; conhecer os motivos que levam os/as encarregados/as de educação a eleger a escola do 1.º CEB; reconhecer os fatores de continuidade ou de rutura na transição entre a educação pré-escolar para o 1.º ano do 1.º CEB; identificar algumas estratégias de continuidade entre a educação pré-escolar e o 1.º ano do 1.º CEB; verificar se a nova realidade alterou a decisão da transição da educação pré-escolar para o 1.º ano do 1.º CEB; perceber como é que os/as educadores/as e professores/as do 1.º CEB gerem a transição entre a EPE e o 1.º CEB; conhecer as estratégias que os/as educadores/as e professores/as do 1.º CEB consideram adequadas para promover a articulação entre o jardim de infância e a escola do 1.º CEB.

## 2. Metodologia

### 2.1 Natureza do estudo

No presente estudo, utilizou-se uma abordagem quantitativa e qualitativa. Os dados foram obtidos através da aplicação de inquéritos por questionários aos/às encarregados/as de educação (Q1), aos/às educadores/as de infância (Q2) e aos/às professores/as do 1.º CEB (Q3).

Ainda que tenham sido utilizados dois tipos de abordagem, a análise qualitativa foi a mais utilizada, porque, segundo Afonso (2005, p. 14, citado por Costa, 2019), este método preocupa-se “com a recolha de informação fiável e sistemática sobre aspetos específicos da realidade social usando procedimentos empíricos com o intuito de gerar e inter-relacionar conceitos que permitam interpretar essa realidade”.

Uma investigação de abordagem qualitativa permite ao/à investigador/a envolver-se “no mundo pessoal dos sujeitos” (Coutinho, 2013, p. 18), interpretar e compreender as situações que os envolvem e o significado que dão aos acontecimentos, em suma, perceber o ponto de vista do indivíduo (Latorre et al., 1996, Mertens, 1998, citados por Coutinho, 2013).

Por sua vez, a análise quantitativa tem “como objetivo a identificação e apresentação de dados, indicadores e tendências observáveis” (Sousa & Baptista, 2011, p.53).

Segundo Sousa & Batista (2011) “este tipo de investigação mostra-se geralmente apropriado quando existe a possibilidade de recolha de medidas quantificáveis de variáveis e inferências a partir de amostras de uma população” (p.53).

Em suma, tanto o método quantitativo como o qualitativo foram importantes nesta investigação. Permitiram que os resultados deste tipo de investigação fossem de fácil interpretação e análise.

## 2.2 Amostra

Segundo Fortin, (1999), a amostra “é um subconjunto de uma população ou de um grupo de sujeitos que fazem parte de uma mesma população” (p.202).

A ideia de que a amostra representa um subconjunto de uma população é defendida por diversos autores. Como refere Amado (2014) “Entenda-se aqui ‘amostra’ em sentido estatístico e probabilístico, que integra a ideia de representatividade de uma amostra em relação a uma população” (p.125).

Neste sentido, a amostra deste estudo é um subconjunto de uma população constituída por encarregados/as de educação cujos os/as seus/suas educandos/as frequentam o último ano da EPE e, ainda, pelo subconjunto de uma população constituída por educadores/as de infância e professores/as do 1.º CEB.

Inicialmente, a amostra deste estudo deveria ter sido composta pelos/as encarregados/as de educação e pelas respetivas crianças que faziam parte do grupo de estágio, bem como pelas educadoras e professores/as do 1.º CEB dos respetivos centros de estágio. No entanto, com a chegada da pandemia Covid-19 e o encerramento dos estabelecimentos escolares, não foi possível dar continuidade a este procedimento, tendo sido necessário alterar o âmbito da amostra, a qual passou a ser constituída por encarregadas de educação, educadores/as de infância e professores/as do 1.º CEB, os/as quais foram inquiridos/as através de questionários (Q1, Q2, Q3) elaborados no *Google Forms*.

Assim, a amostra é constituída por um total de 22 encarregadas de educação, com idades compreendidas entre os 32 anos e 48 anos de idade, cujos/as educandos/as frequentavam o último ano de educação pré-escolar, 2 educadores e 37 educadoras de infância, cujas idades se situam entre os 22 e os 50 ou mais anos de idade, e 105 professores/as do 1.º CEB, entre os 22 e os 50 ou mais anos de idade, perfazendo um total de 166 sujeitos

## 2.3 Instrumentos e técnicas de recolha e análise de dados

### 2.3.1 Inquérito por questionário

Na perspetiva de Quivy e Campenhoudt (1998):

o questionário consiste em colocar a um conjunto de inquiridos, representativo de uma população, uma série de perguntas sobre alguns aspetos da vida social, profissional ou familiar, procurando opiniões, expectativas, conhecimentos ou de consciência de um acontecimento ou de problema, ou ainda sobre qualquer outro ponto que interesse os investigadores (p.188).

A recolha dos dados, iniciou-se pela aplicação de um inquérito por questionário *online* a encarregados/as de educação, cujos educandos/as frequentavam o último ano da educação pré-escolar. Devido à atual situação, os inquéritos por questionário estiveram disponíveis na plataforma *Facebook*, na minha página pessoal e num grupo intitulado de “1.º Ciclo Online”. Posteriormente, aplicou-se, também, um inquérito por questionário aos/às educadores/as de infância e outro aos/às professores/as do 1.º CEB, igualmente, disponíveis na plataforma *Facebook*, na minha página pessoal e em dois grupos intitulados de “1.º Ciclo Online” e “Ideias do Visconde”.

Os questionários utilizados neste estudo são compostos por três partes tendo, no início, uma breve apresentação da investigação, os seus objetivos, finalidade e garantia da confidencialidade dos dados.

O questionário (Q1) compreendia 14 questões, 8 eram de resposta aberta e as restantes 6 apresentavam diversas opções de escolha (Apêndice I). O questionário (Q2) incluía 13 questões, 2 eram de respostas abertas e as restantes 11 perguntas eram opções de escolha (Apêndice II). O questionário (Q3) continha 12 perguntas, somente 2 eram de resposta aberta e as restantes 10 questões de opção de escolha (Apêndice III).

A primeira parte do questionário Q1 é composta por 3 questões relacionadas com os dados pessoais do/a encarregado/a de educação. Assim, numa primeira parte é possível conhecer o grau de parentesco, a idade e a profissão dos/as encarregados/as de educação que participam no estudo.

A segunda parte deste questionário é composta por 6 questões relacionadas com as crianças, mais concretamente, a data de nascimento, as expectativas relativamente à

transição para o primeiro ciclo e se a pandemia Covid-19 teve algum impacto nestas crianças.

Na terceira parte, pretende-se obter dados sobre as preocupações dos/as encarregados/as de educação sobre a transição.

O Q2, a primeira parte é constituída por 3 questões fechadas relacionadas com os dados pessoais do/a educador/a de infância. Sendo possível conhecer, nesta primeira parte, o sexo, a idade e o grau de formação académica dos/as educadores/as de infância que participam no estudo.

A segunda parte do questionário contém somente uma questão relacionada com o tempo de serviço de cada educador/a.

Na terceira e última parte do inquérito, com 9 questões, é possível perceber como cada educador/a vê e prepara a transição da EPE para o 1.º CEB.

O Q3, na primeira parte, contém 3 questões fechadas relativas aos dados pessoais do/a professor/a, sendo possível conhecer o sexo, a idade e o grau de formação académica dos/as professores/as inquiridos/as.

Na segunda parte do inquérito, à semelhança do Q2, está incluída apenas uma questão relacionada com o tempo de serviço de cada professor/a.

Por fim, na terceira parte deste questionário, é possível averiguar a perspetiva que cada professor/a tem sobre a transição e a forma como é preparada esta passagem entre níveis educativos.

### 2.3.2 Instrumentos de análise de dados

Para realizar a análise dos dados obtidos, elegi o programa Microsoft Excel 2016. O questionário (Q1) esteve online durante um mês, ao fim do qual tinham sido obtidas 34 respostas. No entanto, feita uma primeira análise, verificou-se que 12 questionários estavam incorretamente preenchidos, pelo que a amostra passou a ser constituída por apenas 22 encarregadas de educação.

Depois de todos os dados inseridos no programa e discriminados por questões, foram elaborados os respetivos gráficos, totalizando 14. Por último, foi realizado o tratamento de dados, fazendo uma interpretação individual a partir dos resultados obtidos em cada gráfico.

O segundo questionário (Q2) manteve-se online durante um mês e alcançou 48 respostas. Após uma primeira análise dos inquiridos, foi possível perceber que 9 questionários não estavam preenchidos corretamente. Assim, a amostra passou a contabilizar 39 educadores/as, sendo 2 educadores e 37 educadoras.

Seguidamente, foram inseridos no programa os dados relativos aos 39 educadores/as e realizados os gráficos respetivos de cada questão. No total, foram elaborados 13 gráficos sobre os quais foi feita uma interpretação individual.

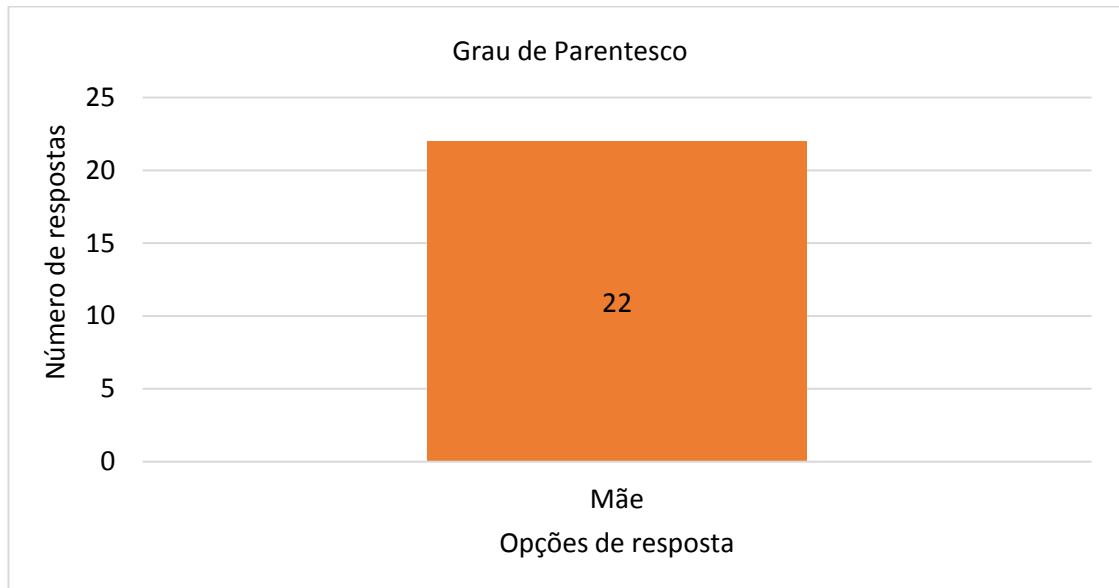
O último questionário (Q3), à semelhança dos questionários anteriores, esteve online durante um mês e apurou 159 respostas. Dos 159 inquiridos respondidos, 54 não foram preenchidos de forma válida para a investigação. Assim, o número total da amostra passou a ser de 105 professores/as, sendo 2 professores e 103 professoras.

Após serem inseridas as repostas a cada questão no programa, perpez-se um total de 13 gráficos. Por fim, estes foram analisados individualmente.

### 3. Apresentação e análise de dados

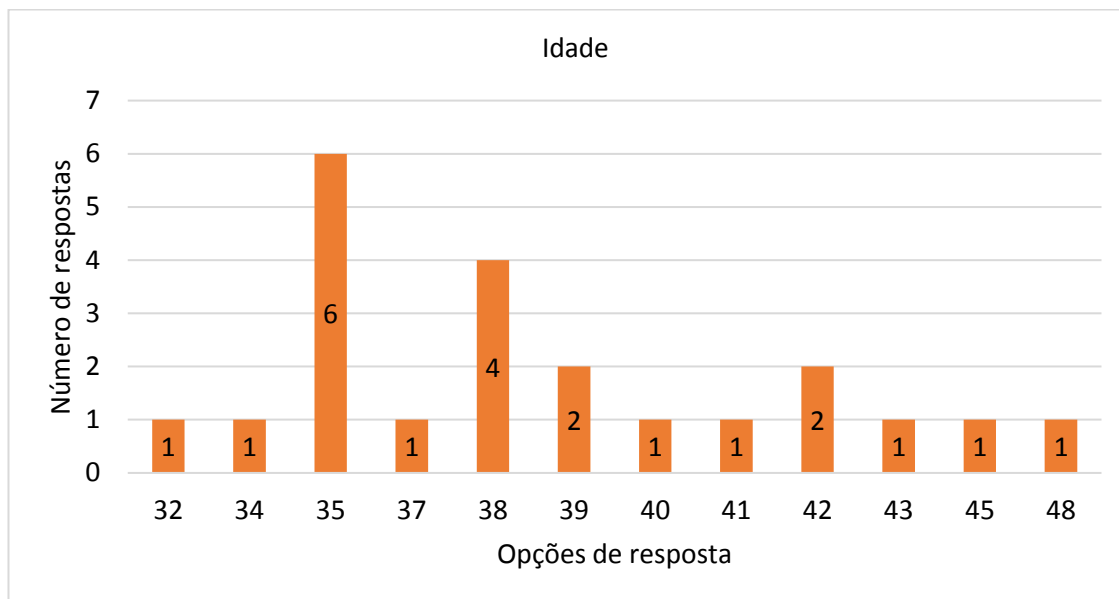
#### 3.1 Questionário aos/às encarregados/as de educação (Q1)

Parte 1 – Dados pessoais dos/as encarregados/as de educação.



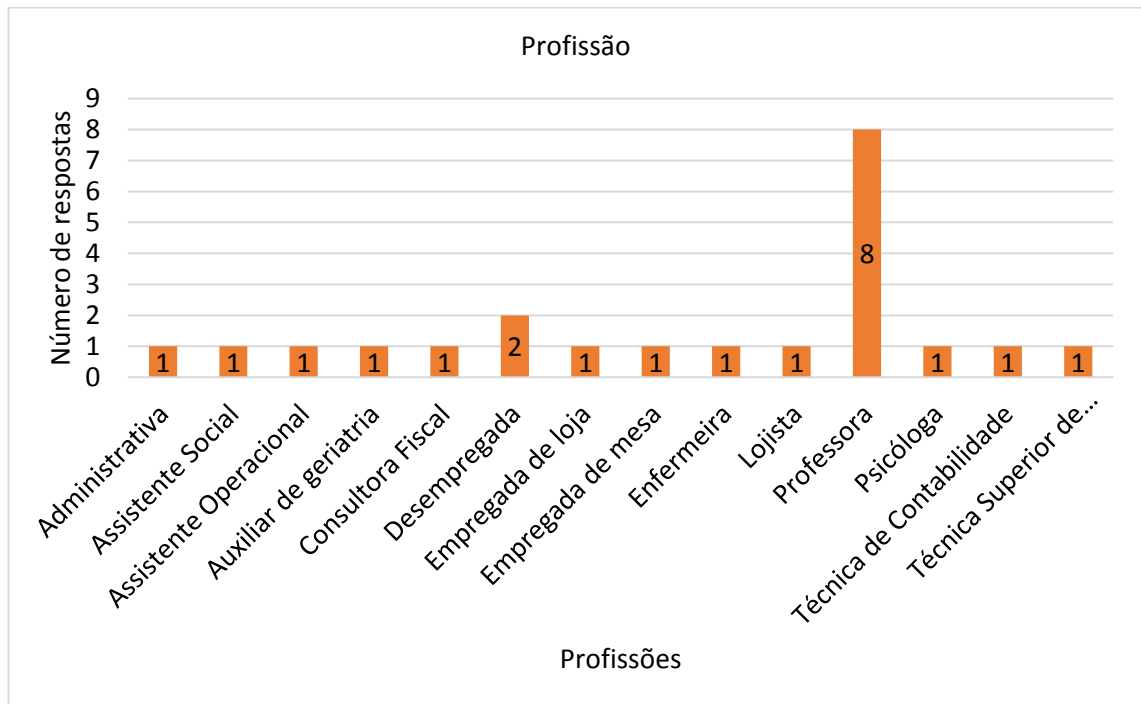
*Gráfico 1 - Grau de Parentesco das Encarregadas de Educação.*

No primeiro gráfico 1, é possível constatar que o grau de parentesco dos sujeitos que constituem a amostra é o de mãe, 22 no total (100%). Assim, todas as encarregadas de educação inquiridas são do sexo feminino.



**Gráfico 2 - Idade das Encarregadas de Educação.**

Pelo gráfico n.º 2 constata-se que a idade das respondentes varia dos 32 aos 48 anos. Existindo 1 – 32 anos (4,5%); 1 – 34 anos (4,5%); 1 – 37 anos (4,5%); 1 – 40 anos (4,5%); 1 – 41(4,5%); 1 – 43 anos (4,5%); 1 – 45 anos 45(4,5%); 1 – 48 anos de idade (4,5%). No entanto, é possível verificar que existem 6 com 35 anos (27,3%), 4 com 38 anos (18,2%), 2 com 39 anos, correspondendo a 9% e 2 com 42 anos de idade (9%).

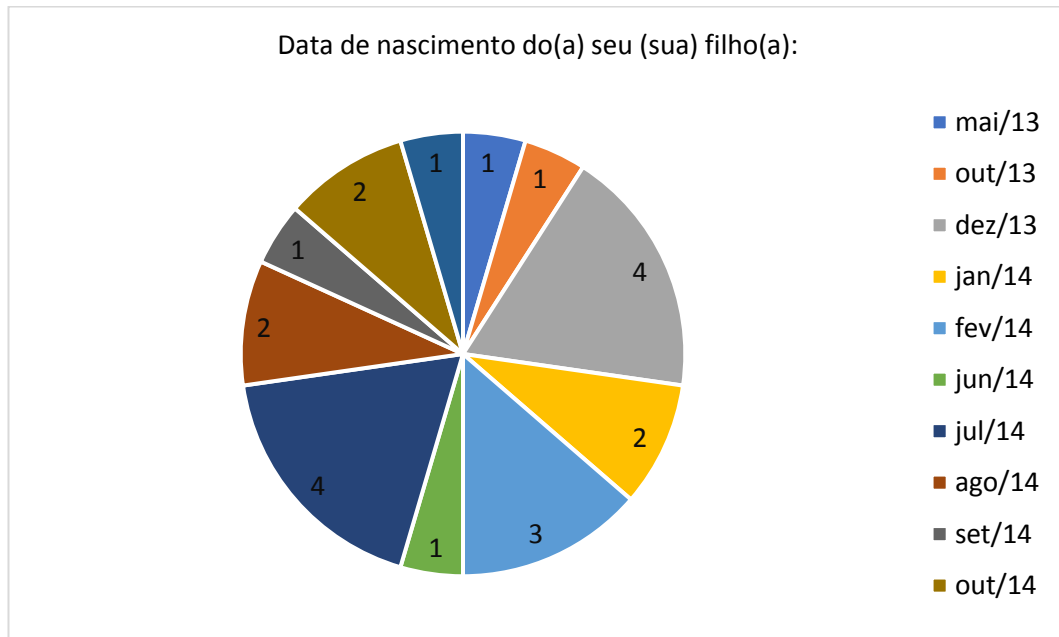


**Gráfico 3 - Profissões das Encarregadas de Educação.**

Quanto às profissões, existem 8 mães professoras (36,36%) e 2 desempregadas (9,09%). As 12 profissões restantes são distintas e cada uma diz respeito, apenas, a uma encarregada de educação: Administrativa (4,5%), Assistente Social (4,5%), Assistente Operacional (4,5%), Auxiliar de Geriatria (4,5%), Consultora Fiscal (4,5%), Empregada de loja (4,5%), Empregada de mesa (4,5%), Enfermeira (4,5%), Lojista (4,5%), Psicóloga (4,5%), Técnica de Contabilidade (4,5%) e Técnica Superior de Educação (4,5%).

É possível observar no gráfico que a profissão dominante é a de professora.

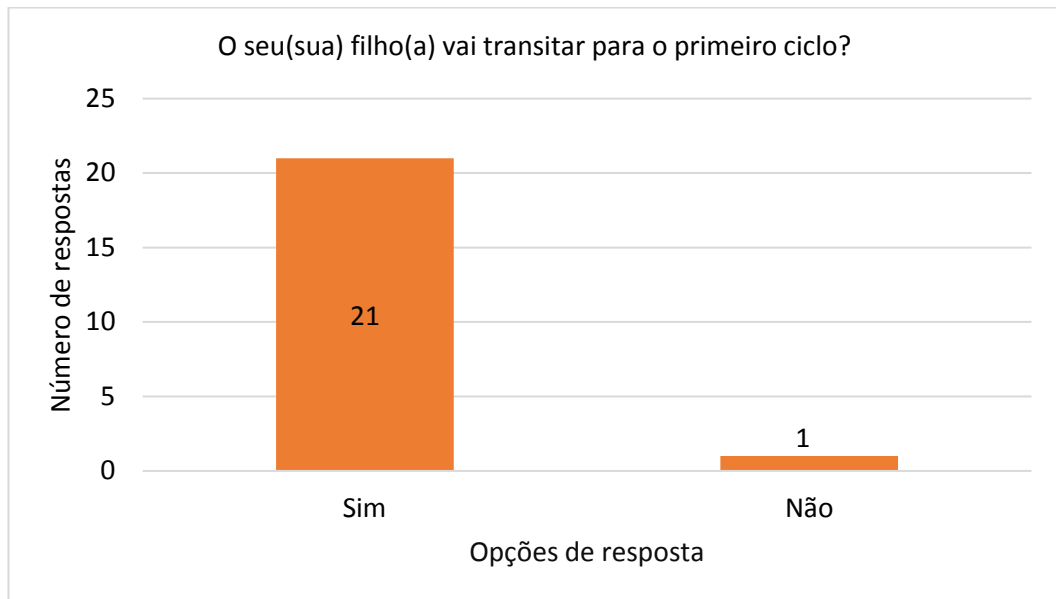
Parte 2 – Sobre a criança.



*Gráfico 4- Data de nascimento do(a) filho(a).*

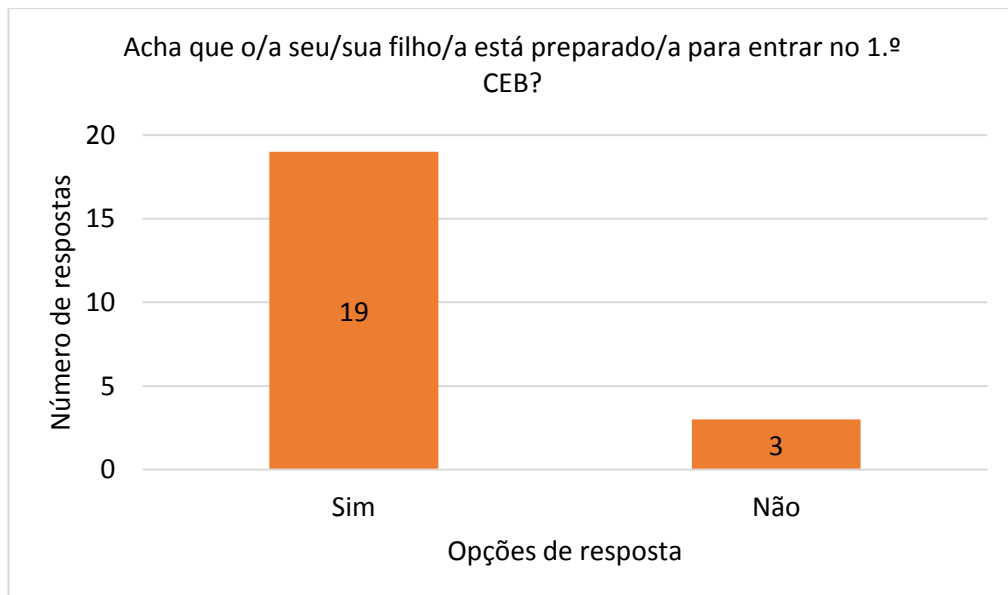
Relativamente à idade das crianças, de acordo com as respostas das encarregadas de educação, 6 nasceram no ano de 2013 (27,27%) e 16 nasceram em 2014 (72,72%). Das 6 crianças nascidas em 2013, 1 nasceu no mês de maio (4,5%) e outra no mês de outubro (4,5%). Em dezembro do mesmo ano nasceram 4 crianças (18,18%), sendo o mês com mais nascimentos do ano de 2013.

Em 2014, o mês que conta com mais aniversários é julho com um total de 4 crianças (18,18%). Logo a seguir, com 3 nascimentos (13,63%), vem o mês de fevereiro. Os meses de janeiro, agosto e outubro contam, igualmente, com 2 aniversários (9,09%). Por fim, junho, setembro e dezembro contabilizam um nascimento (4,5%), sendo os meses com menos aniversários do ano de 2014.



*Gráfico 5 - Número de crianças que vão transitar, ou não, para o primeiro ciclo.*

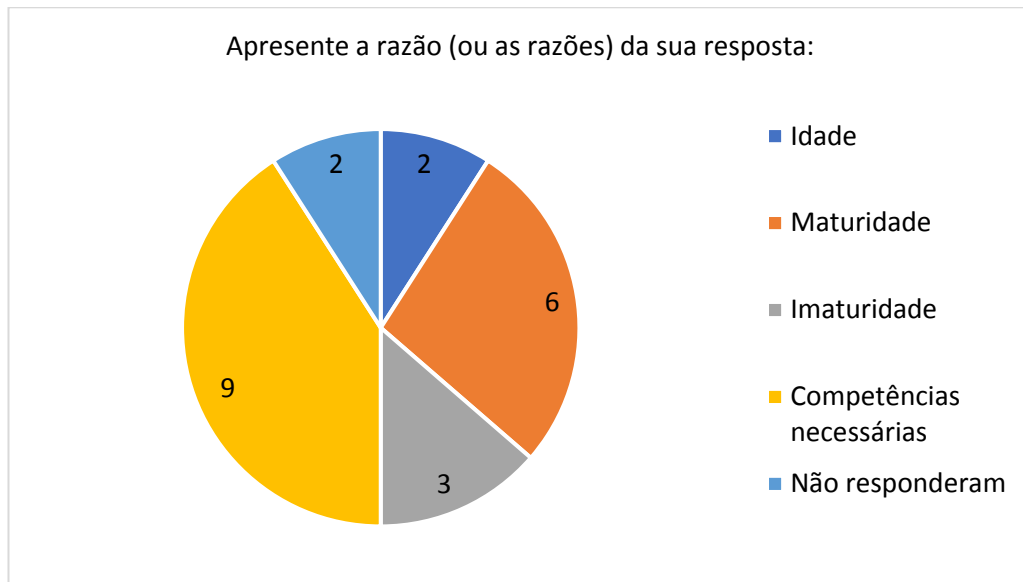
No gráfico 5, é possível perceber que a maioria das crianças vai transitar para o primeiro ciclo. No total de 22 crianças, segundo as respostas das mães, 21 vão transitar (95,45%) e apenas 1 (4,5%) não vai transitar.



*Gráfico 6 - Número de crianças que estão preparadas, ou não, para transitar para o 1.º CEB.*

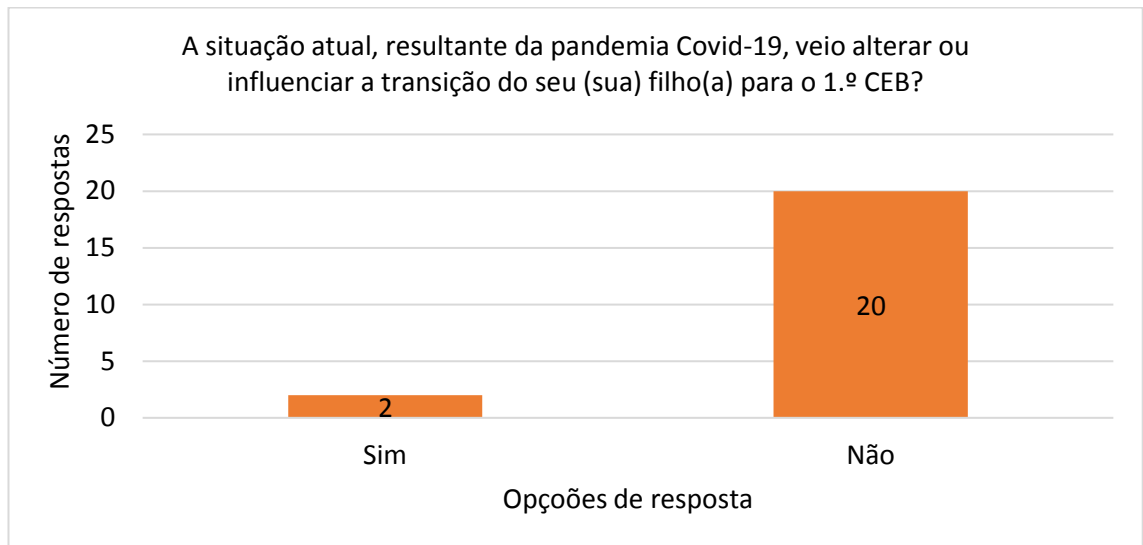
Quanto à preparação para a transição da educação pré-escolar para o primeiro ciclo, 3 encarregadas de educação (13,63%) dizem que os/as seus/suas educandos/as não estão preparados/as para esta nova fase. No entanto, 19 mães (86,36%) afirmam que os/as

seus/suas filhos/as estão prontos/as para ingressar no primeiro ciclo. Assim, a maioria das crianças está preparada para a transição.



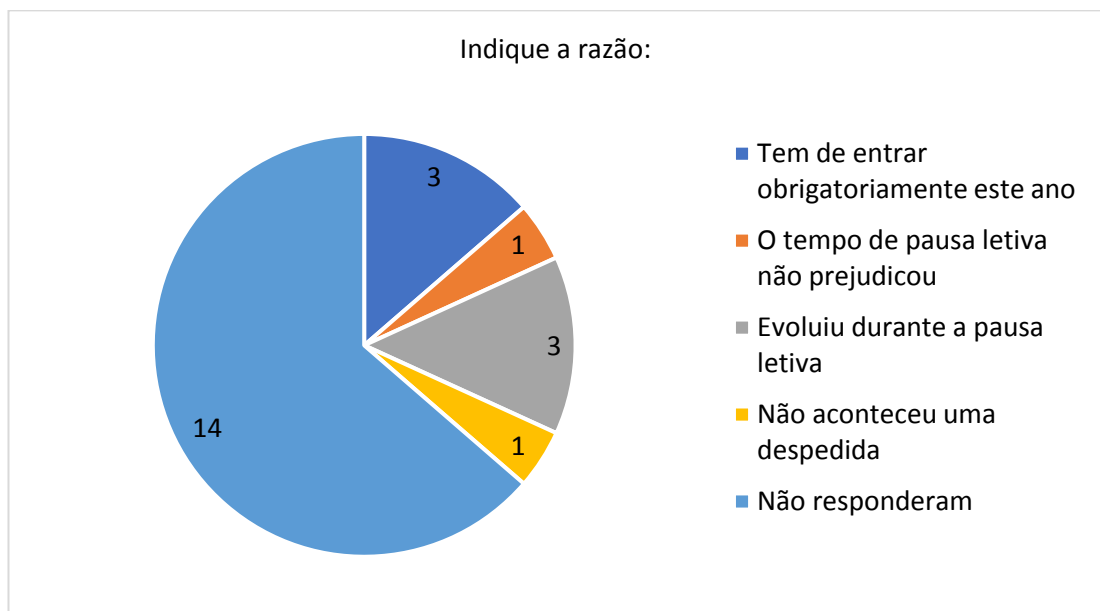
*Gráfico 7 - Razões pelas quais as crianças estão preparadas para transitarem, ou não, para o primeiro ciclo.*

A esta questão, tal como está patente no gráfico 7, duas mães não responderam (9,09%), tendo-se obtido vinte respostas (90,90%) distribuídas por diferentes categorias. Assim, constata-se que 9 mães (40,90%) consideram que os/as seus/suas filhos/as possuem as competências necessárias para transitar para o 1.º CEB. Por outro lado, 6 mães (27,27%) referem que as suas crianças já têm a maturidade necessária para enfrentar a transição para a nova etapa, enquanto que 3 respondentes (13,63%) consideram que os/as seus/suas filhos/as ainda não alcançaram a maturidade esperada para a transição. De salientar que duas (9,09%) responderam que as suas crianças têm a idade obrigatória para ingressar no 1.ºCEB.



**Gráfico 8 - Número de crianças cuja transição foi influenciada, ou não, pela pandemia Covid-19.**

Relativamente ao impacto da pandemia Covid-19, no percurso escolar das crianças, a maioria não viu a transição ser influenciada. Apenas as mães de duas crianças (9,09%) afirmaram que houve influência da pandemia no percurso escolar, para as restantes 20 (90,90%) crianças nada se alterou, de acordo com as respostas das encarregadas de educação.



**Gráfico 9 - Razões resultantes da pandemia Covid-19.**

Relativamente às razões pelas quais a pandemia revelou, ou não, algum impacto na transição para o 1.º CEB, a maioria (14 - 63,63%) não respondeu. Por outro lado, 3 mães, (13,63%) revelam que as crianças evoluíram durante a interrupção letiva e outras 3 (13,63%) afirmam que os/as seus/suas filhos/as têm de ingressar obrigatoriamente, este ano, no primeiro ciclo. Uma encarregada de educação (4,5%) revela que a pandemia impediu a despedida do ensino pré-escolar, mas, no entanto, o tempo de interrupção letiva não prejudicou o/a filho/filha.

Parte 3 – Sobre as encarregadas de educação.

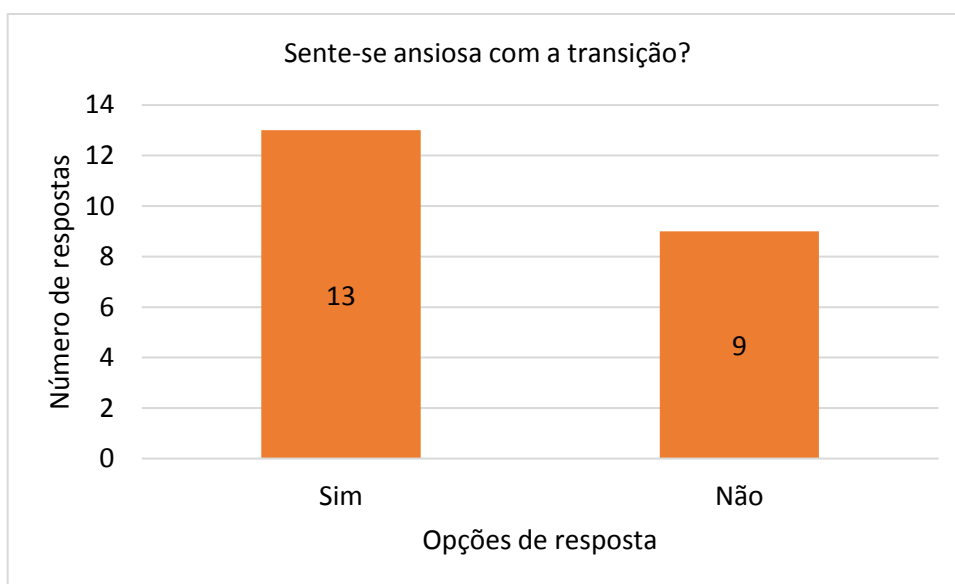


Gráfico 10 - Número de encarregadas de educação ansiosas com a transição.

No gráfico 10, é possível observar que 13 encarregadas de educação (59,09%) estão ansiosas com a transição e 9 (40,90%) não sentem ansiedade com esta nova fase. Assim, a maioria das mães inquiridas está ansiosa com o ingresso dos/as seus/suas educandos/as no primeiro ciclo.

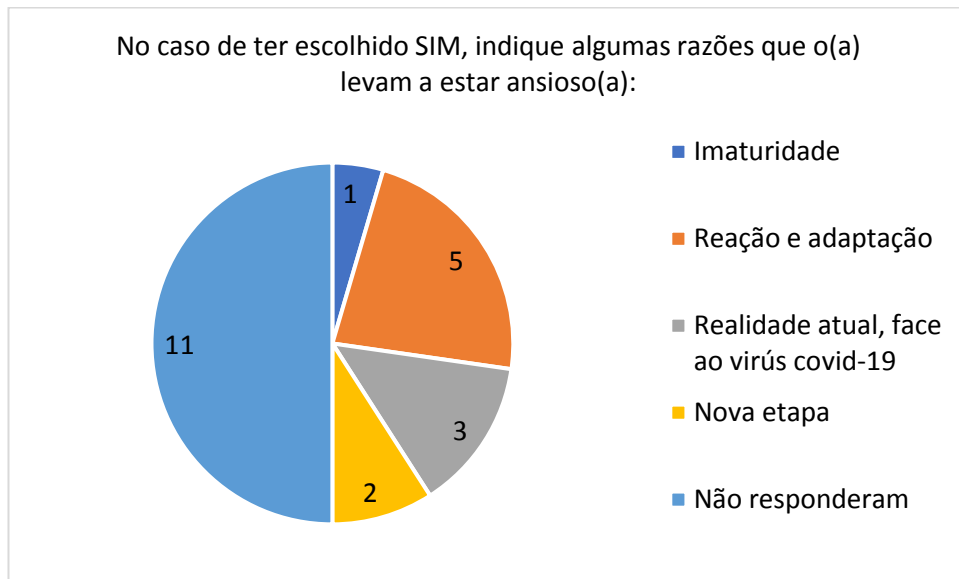


Gráfico 11 - Razões pelas quais as encarregadas de educação estão ansiosas com a transição.

Relativamente às encarregadas de educação que afirmaram estar ansiosas com a transição, a maioria (5 – 22,72%) revela, como causa, a reação e adaptação das crianças. 3 participantes (13,63%), indicam a realidade atual como motivo de ansiedade, duas (9,09%) afirmam ser uma nova etapa, 1 encarregada de educação (4,5%) aponta para a imaturidade como razão de ansiedade. Não responderam 11 encarregadas de educação (50%).

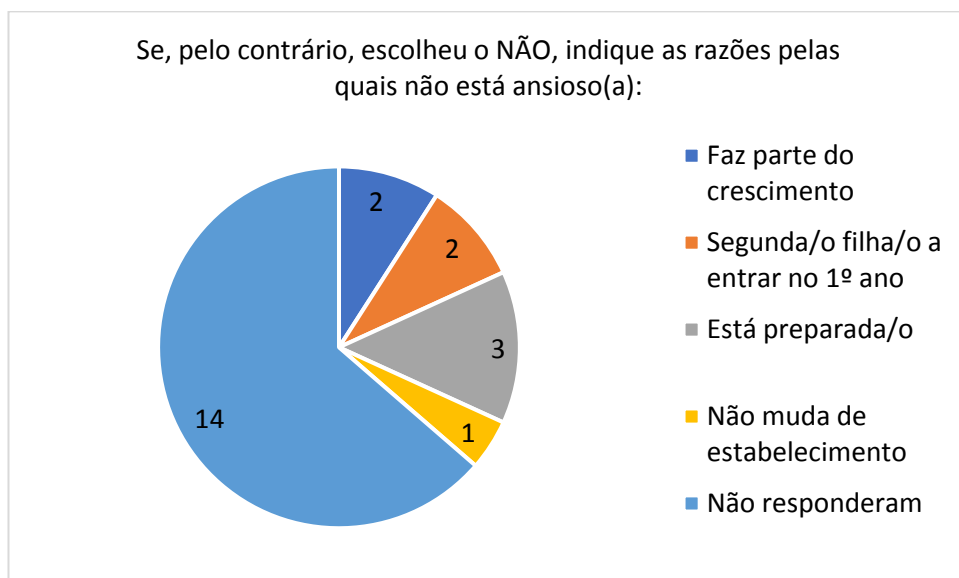


Gráfico 12 - Razões pelas quais as encarregadas de educação não estão ansiosas com a transição.

O gráfico 12 indica que 3 (13,63%) das encarregadas de educação respondentes não estão ansiosas porque o/a seu/sua educando/educanda está preparado/a. 2 mães (9,09%) indicam que esta é uma etapa que faz parte do crescimento e que o/a filho/a está preparado/a. O mesmo número de encarregadas de educação (2 – 9,09%) revelam ser o/a segundo/a filho/a a ingressar no 1.ºCEB. Uma das crianças (4,5%) não irá mudar de estabelecimento e isso é um fator que ameniza a ansiedade. Por fim, 14 encarregadas de educação (63,63%) não responderam.

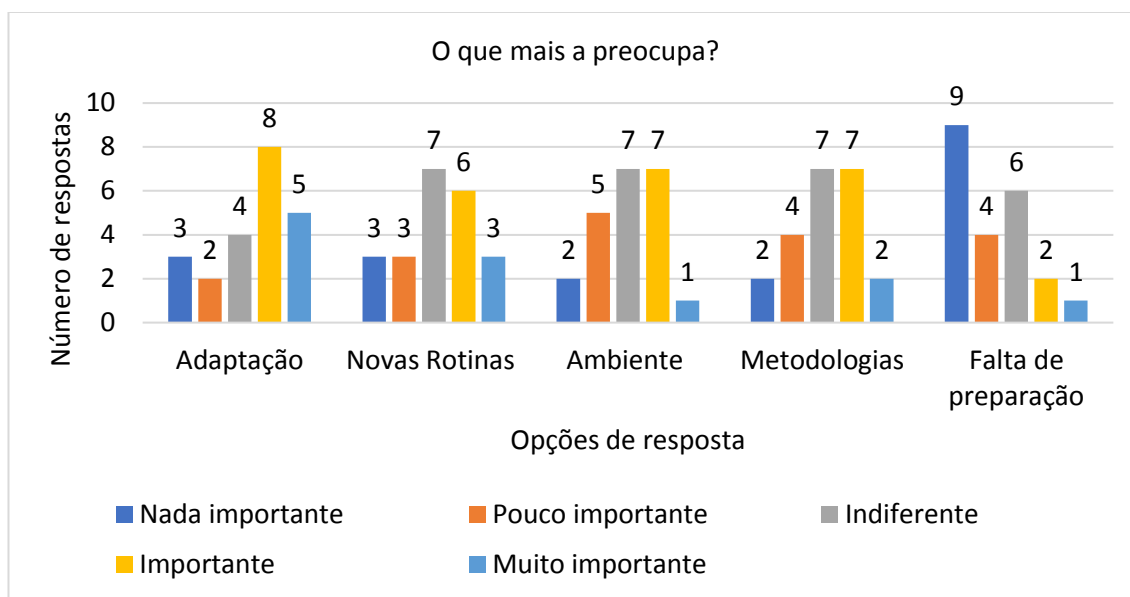


Gráfico 13 - Resultados das respostas das encarregadas de educação.

O gráfico relativo ao que mais preocupa as encarregadas de educação, no processo de transição, indica que, na sua larga maioria (40,90%), considera “nada importante” a falta de preparação; “importante” (31,9%) o ambiente; “indiferente” e “importante” (31,9%) as metodologias, as novas rotinas e o ambiente. Como “muito importante” (36,4%) destaca-se a adaptação, que observando a classificação dos participantes desta amostra reconhecem a adaptação como a maior preocupação.

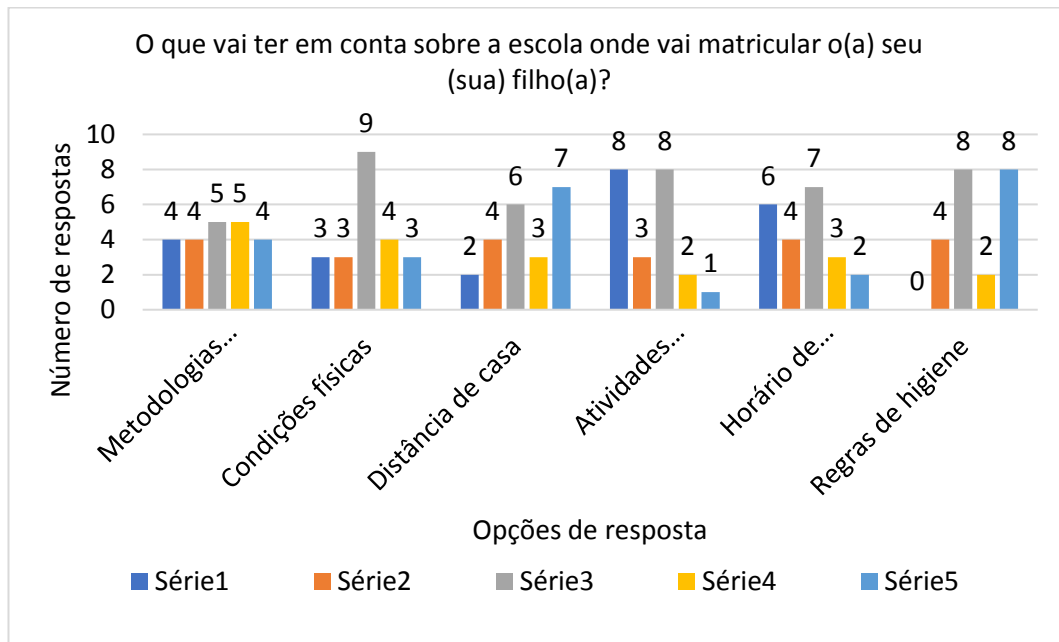


Gráfico 14 - Resultados das respostas das encarregadas de educação.

Tendo em conta a análise dos dados relativamente à questão “O que vai ter em conta sobre a escola onde vai matricular o(a) seu (sua) filho(a)?”, constata-se que as regras de higiene e a distância de casa são consideradas, pela maioria, como “muito importante”. As atividades extracurriculares destacam-se pela classificação de “nada importante”. No grau de “indiferente” predominam as condições físicas.

### 3.2 Questionário aos/às educadores/as de infância (Q2)

#### Parte 1 – Dados pessoais.

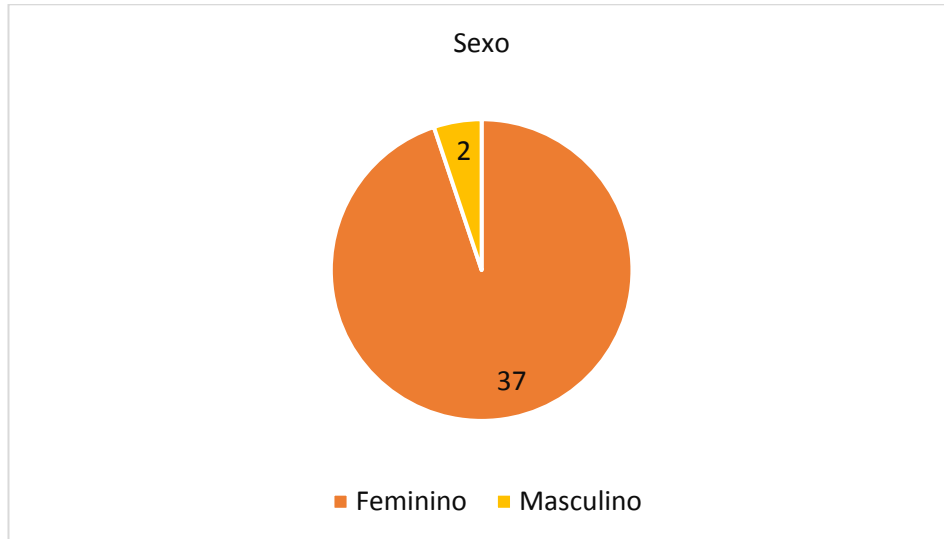


Gráfico 15 - Sexo dos/as educadores/as.

Em relação ao sexo, podemos verificar, através do gráfico 15, que a maioria (37 – 95%) dos/as participantes desta amostra é do sexo feminino. Em minoria (2 – 5%) encontra-se o sexo masculino. Assim, a este questionário responderam mais educadoras que educadores.

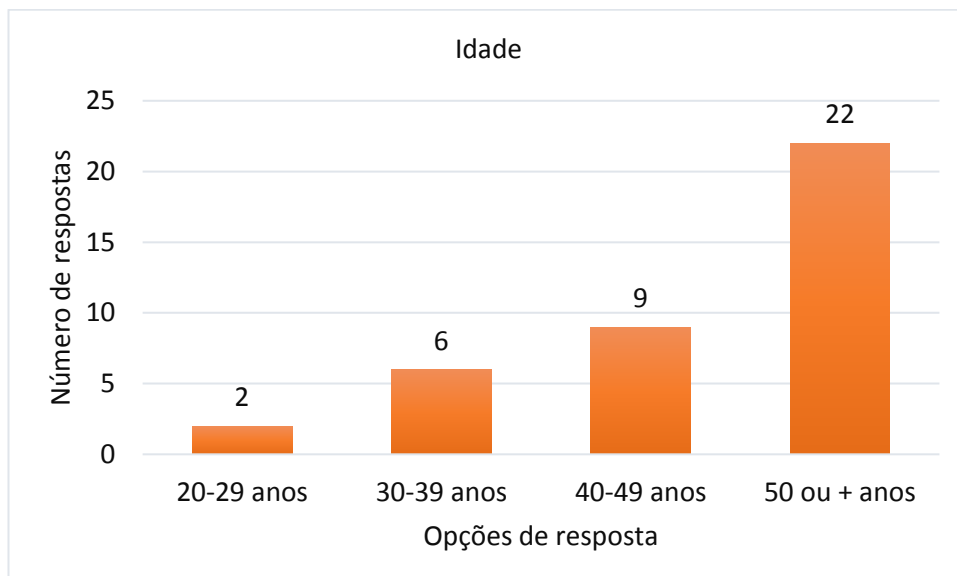
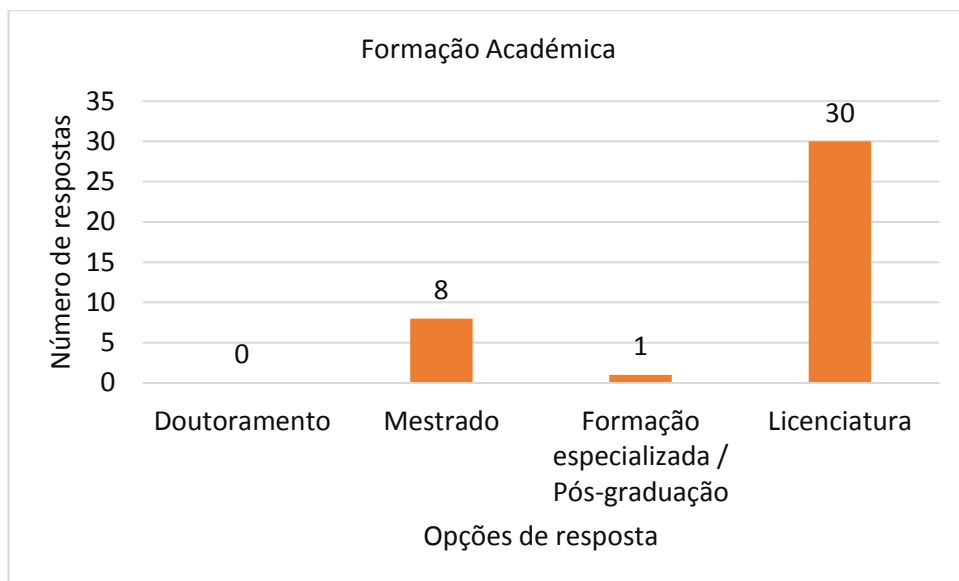


Gráfico 16 - Faixa etária dos/as educadores/as.

Relativamente à idade, podemos constatar no gráfico 16 que, 22 educadores/as (56%) tem 50 ou mais anos, 9 (23%) educadores/as tem entre 40 a 49 anos, 6 (15%) educadores/as contabilizam entre 30 a 39 anos de idade, por fim, 2 (5%) educadores/as estão na faixa etária dos 20 aos 29 anos. Assim, é possível concluir que a maioria dos/as educadores/as tem 50 ou mais anos.

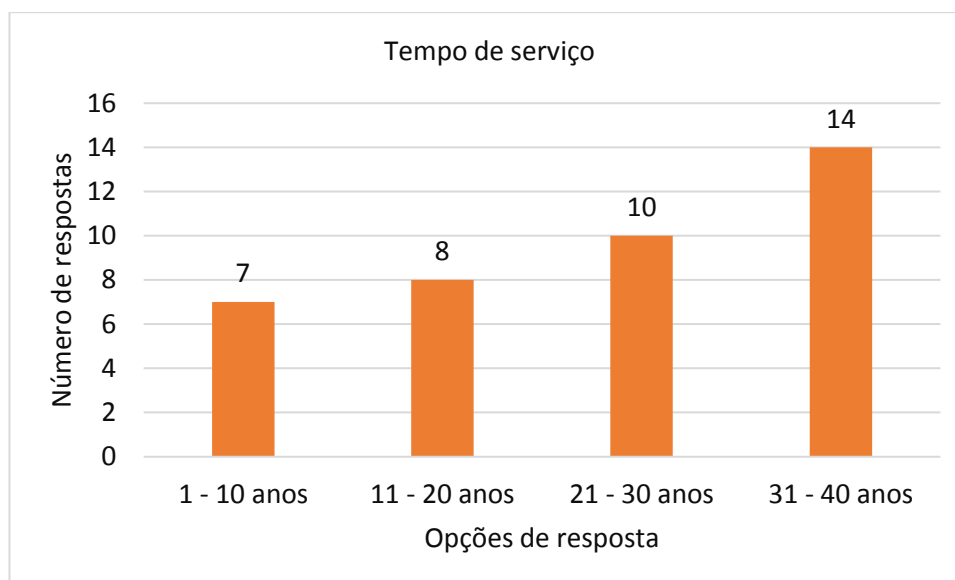


*Gráfico 17 - Formação académica dos/as educadores/as.*

No gráfico 17, podemos constatar que a maioria (30 – 77%) dos/as profissionais possui uma licenciatura. Seguidamente, 8 (20%) docentes já aumentaram a sua formação académica ao concluírem o mestrado. Por último e em minoria, 1 (3%) educador/a tem uma formação especializada ou pós-graduação.

Não respondeu ao questionário nenhum/a educador/a que possua o doutoramento.

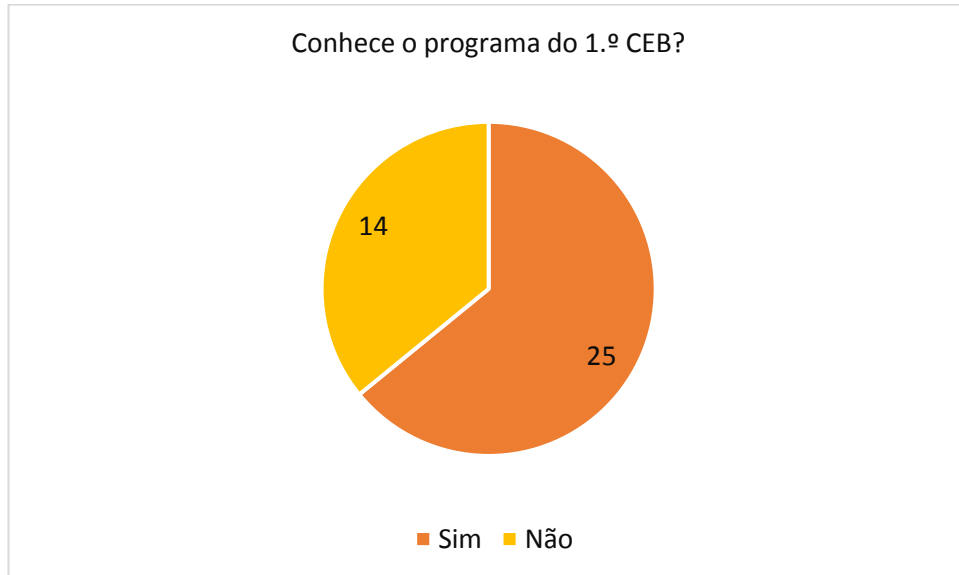
Parte 2 – Dados profissionais.



*Gráfico 18 - Anos de serviço dos/as educadores/as.*

Quanto ao tempo de serviço de cada profissional, podemos concluir que a maioria (14 – 36%) tem entre 31 a 40 anos de serviço. Seguidamente, 10 (26%) educadores/as contabilizam entre 21 a 30 anos de serviço. Com 11 a 20 anos de serviço encontram-se 8 (21%) educadores/as. Por fim, e em minoria estão 7 (18%) educadores/as com 1 a 10 anos de serviço.

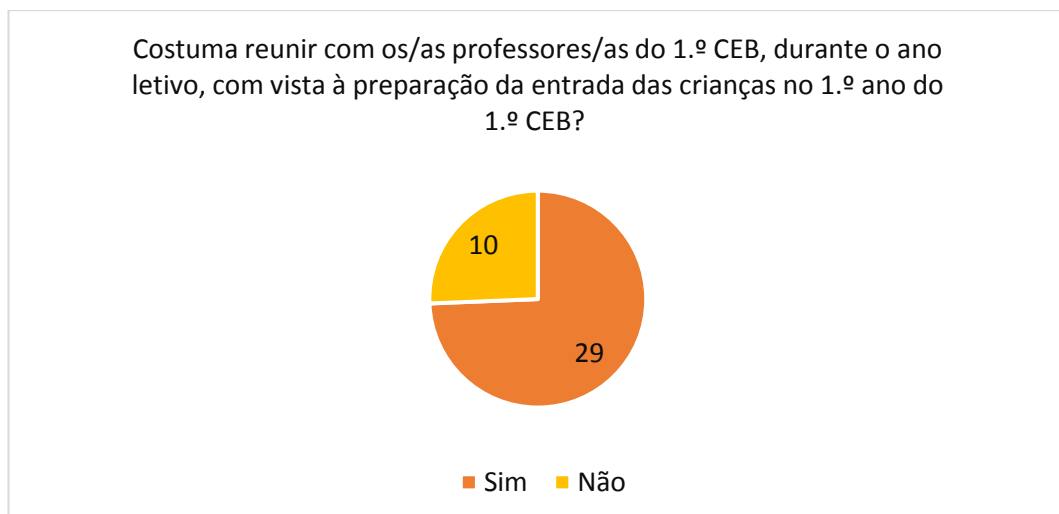
Parte 3 – Transição entre a educação pré-escolar e o 1.º CEB



*Gráfico 19 - Número de educadores/as que conhecem o programa do 1.º CEB.*

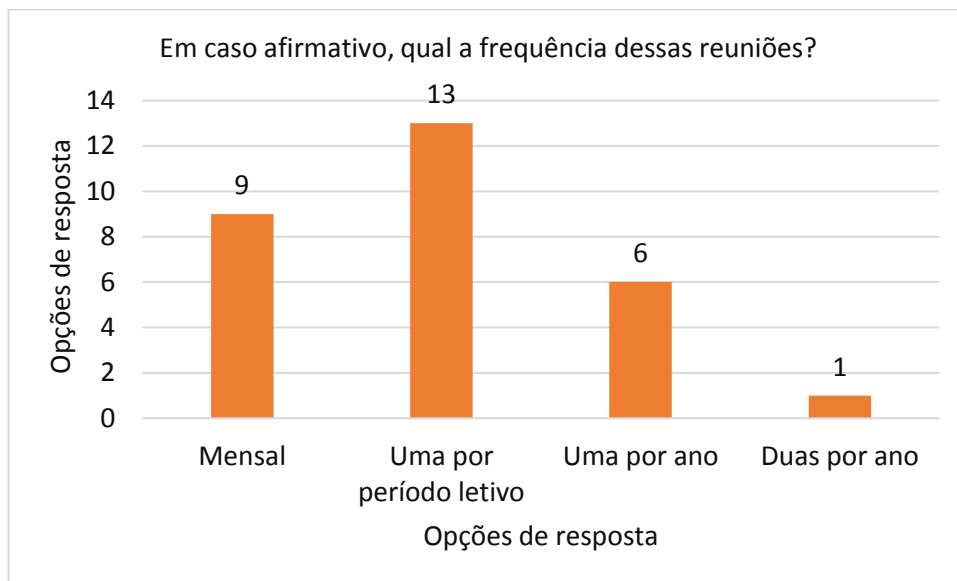
Relativamente ao conhecimento dos/as educadores/as sobre o programa do 1.º CEB, podemos observar que 25 (64%) dos/as educadores/as não conhecem o programa. No entanto, 14 (36%) educadores/as afirmam ter conhecimento do programa do 1.º CEB.

Assim, podemos concluir que a maioria dos/as docentes não tem conhecimento do programa do primeiro ciclo do ensino básico.



*Gráfico 20 - Número de educadores/as que reúnem com os/as professores/as do 1.º CEB.*

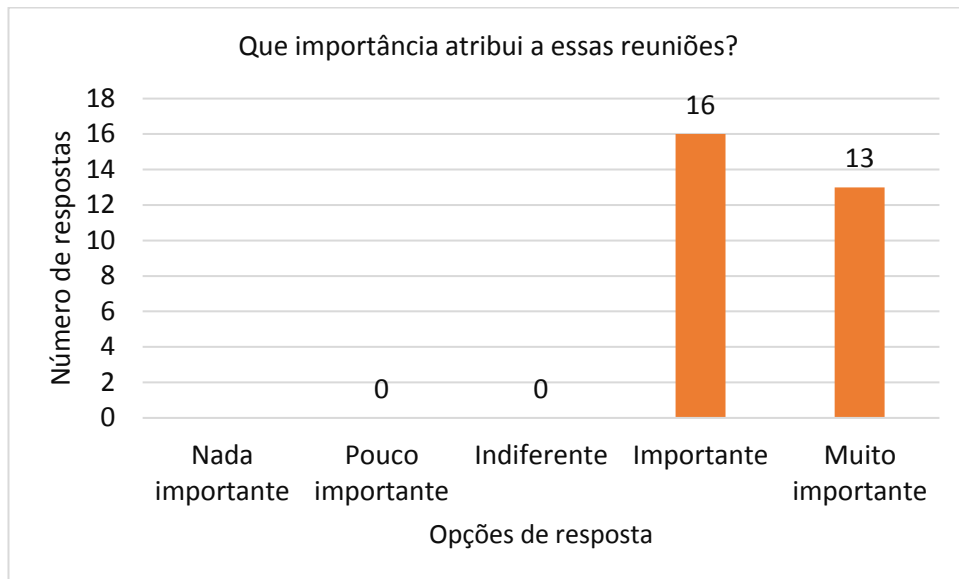
No gráfico 20, é possível perceber que a maioria (29 – 74%) dos/as educadores/as costuma reunir com os/as professores/as do primeiro ciclo de forma a preparar a entrada do seu grupo de crianças no 1.º ano do 1.º CEB. Enquanto que 10 (26%) dos/as educadores/as afirmam que não reúnem, ao longo do ano letivo, com os/as docentes do primeiro ciclo do ensino básico.



*Gráfico 21 - Frequência das reuniões entre educadores/as e professores/as do 1.º CEB.*

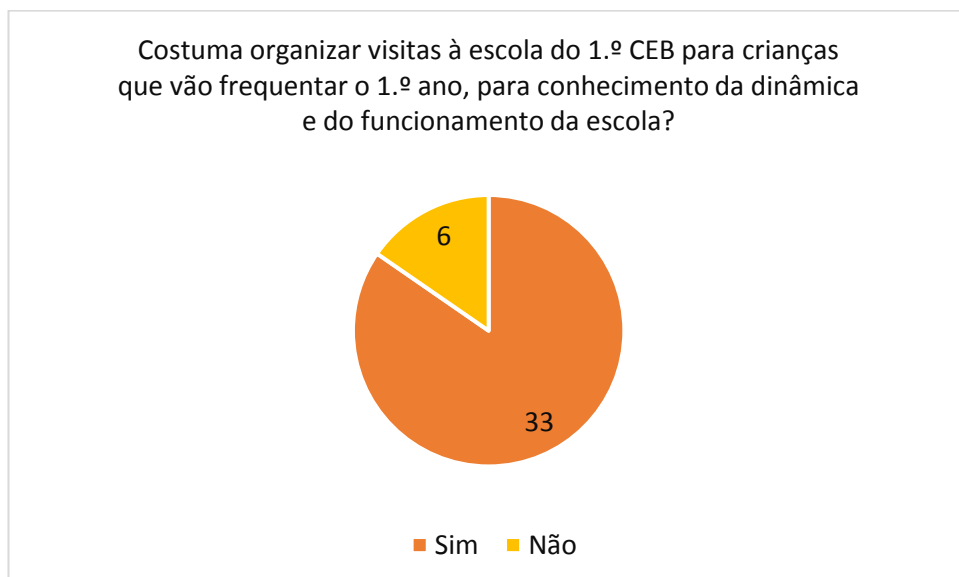
Dos/as 29 educadores/as que reúnem com os/as professores/as do primeiro ciclo ao longo do ano letivo, 13 (45%) reúnem uma vez a cada período letivo. Seguidamente, 9 (31%) educadores/as reúnem mensalmente. Apenas reúnem, uma vez por ano, 6 (21%) docentes e, duas vezes por ano, 1 (3%) educador/a.

Assim, a maioria dos/as profissionais reúne uma vez por período letivo e a minoria duas vezes por ano.



*Gráfico 22 - Nível de importância das reuniões entre educadores/as e professores/as do 1.º CEB.*

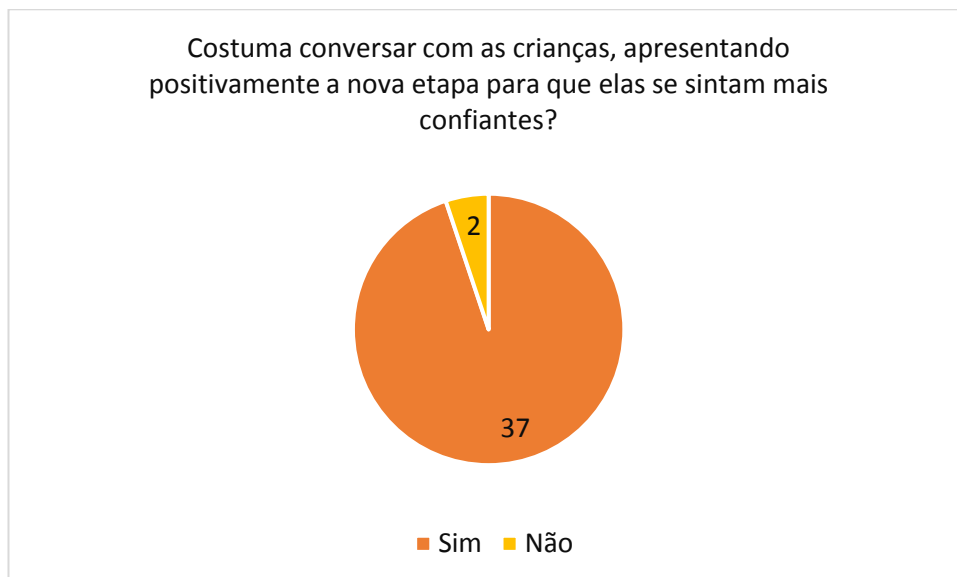
Através dos resultados obtidos no gráfico 22, constata-se que a maioria (16 - 55%) dos/as educadores/as considera as reuniões importantes. Numa percentagem inferior, 45% dos/as educadores/as classificam as reuniões como muito importantes.



*Gráfico 23 - Número de educadores/as que costumam organizar visitas à escola do 1.º CEB.*

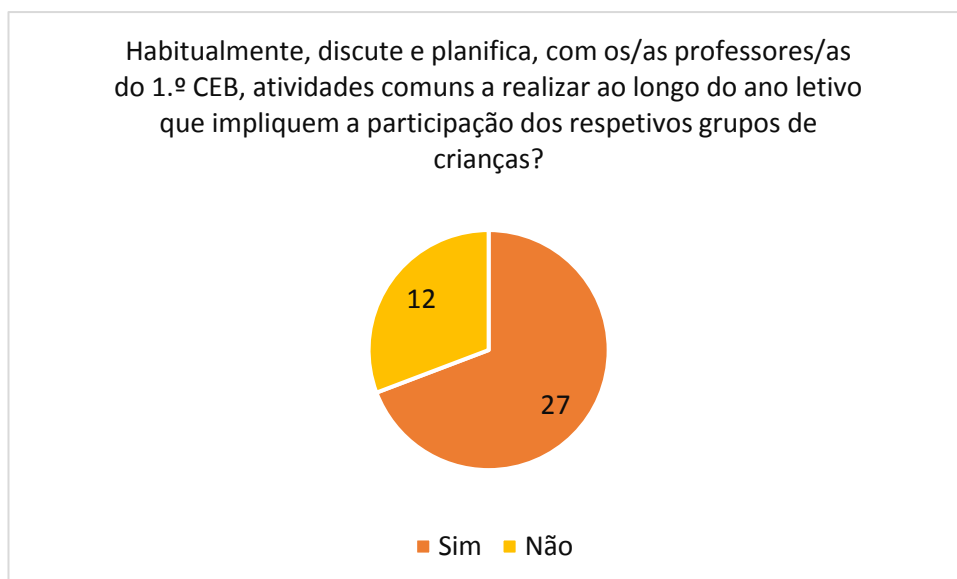
Relativamente ao número de educadores/as que organizam visitas à escola do 1.º CEB, 33 (85%) educadores/as afirmam organizar visitas ao primeiro ciclo para as crianças que

vão frequentar o 1.º ano no ano letivo seguinte. Num número inferior, 6 (15%) educadores/as revelam não organizar visitas.



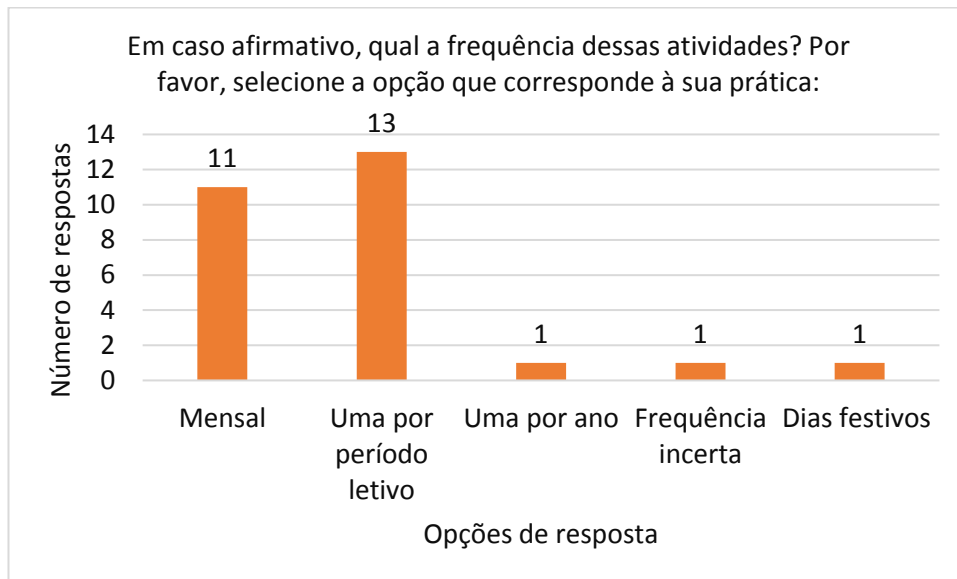
**Gráfico 24 - Número de educadores/as que conversam com as crianças sobre a nova etapa.**

Quanto ao número de educadores/as que costuma conversar com as crianças relativamente à transição, 37 (95%) educadores/as revelam realizar conversas com as crianças sobre esta nova etapa. No entanto, 2 (5%) educadores/as dizem não conversar com os/as alunos/as sobre a transição da educação pré-escolar para o 1.º CEB.



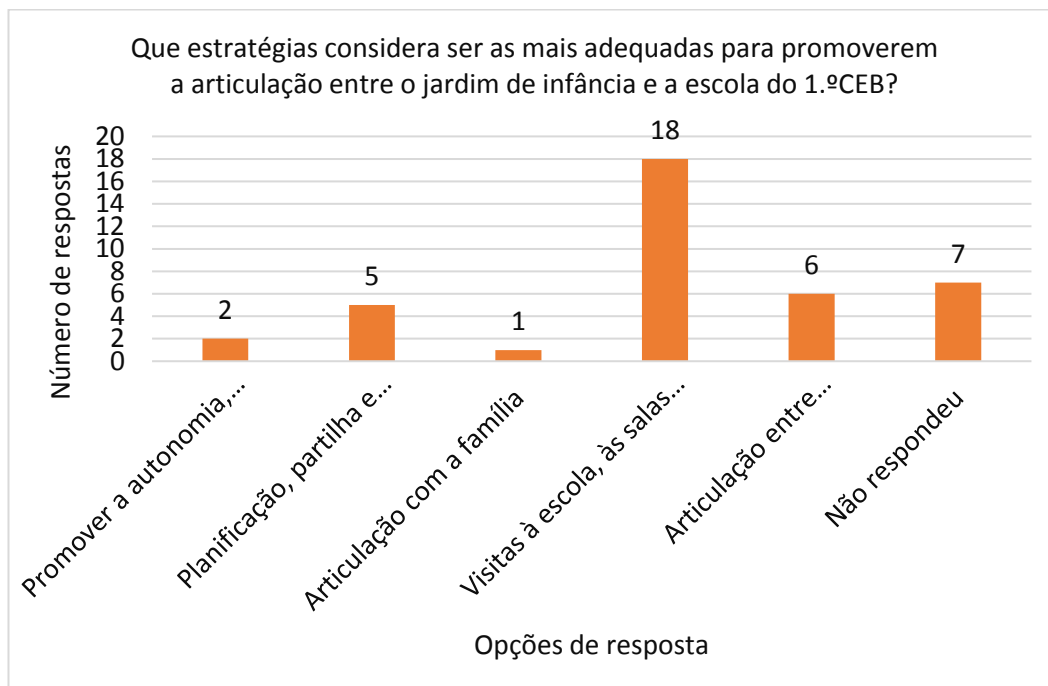
**Gráfico 25 - Número de educadores/as que discutem e planificam atividades com os professores/as do 1.º CEB ao longo do ano letivo.**

O gráfico 25 revela o número de educadores/as que discutem e planificam atividades com os/as professores/as do 1.º CEB. A maioria (27 – 69%) afirma que discute e planifica atividades que envolvem o grupo de crianças do Jardim de Infância e do 1.º ano do primeiro ciclo do ensino básico. Em minoria (12 – 31%) estão os/as educadores/as que declaram não discutir e planificar atividades entre os dois níveis de ensino.



*Gráfico 26 - Frequência das atividades planeadas por educadores/as e professores/as ao longo do ano letivo.*

No que diz respeito à frequência das atividades realizadas em articulação com a educação pré-escolar e o 1.º CEB, a maioria (13 – 48%) realiza-se uma vez em cada período letivo. 11 (41%) educadores/as afirmam que as atividades decorrem mensalmente. Apenas 1 (4%) educador/a admite realizar uma atividade por ano. O mesmo número de educadores/as (1 – 4%) revela que as atividades decorrem com frequência variável. Por último, 1 (4%) educador/a divulga que as atividades se realizam em dias festivos.



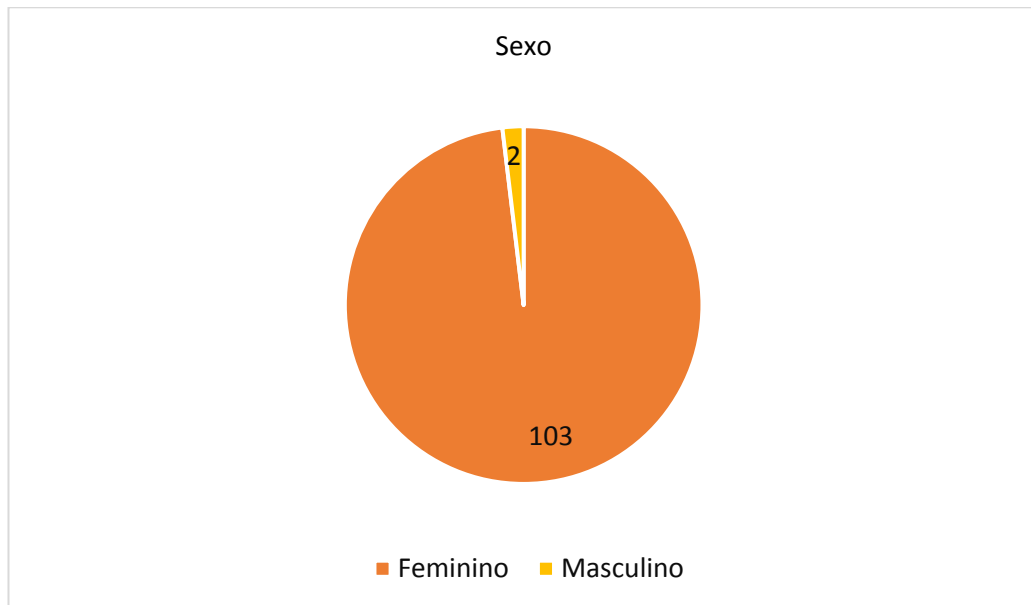
**Gráfico 27 - Estratégias que promovem a articulação entre o jardim de infância e a escola do 1.º CEB.**

No último gráfico é possível observar as estratégias, indicadas pelos/as educadores/as, para a promoção da articulação entre a educação pré-escolar e o primeiro ciclo. Através da análise do gráfico podemos observar que a maioria dos/as educadores/as (18 – 46%) revela que as visitas às escolas, às salas e a realização de atividades conjuntas entre os dois níveis de ensino são as estratégias mais utilizadas. Num número bastante inferior, 6 (15%) educadores/as apontam a articulação entre docentes, o conhecimento dos dois níveis de ensino e da legislação como as principais estratégias. Para 5 (13%) educadores/as a planificação, a partilha e a comunicação entre profissionais dos dois graus de ensino são a estratégia eleita. 2 (5%) educadores/as revelam que promover a autonomia, a segurança e a autoestima das crianças é a melhor estratégia a ser utilizada. Somente 1 (3%) educador/a considera, como estratégia, a articulação com a família.

Num total de 39 educadores/as, 7 (18%) não responderam.

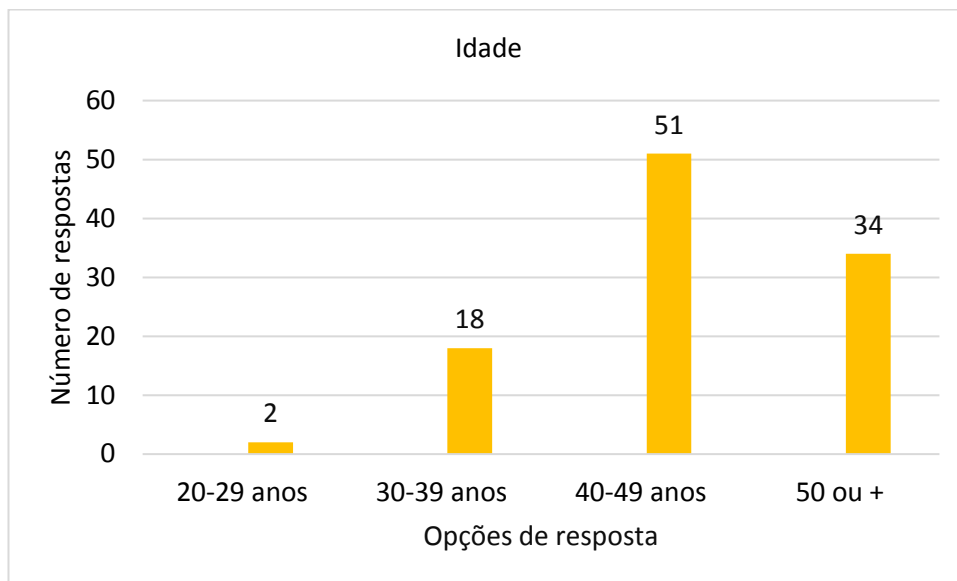
### 3.3 Questionário aos/às professores/as do 1.º CEB (Q3)

Parte 1 - Dados pessoais.



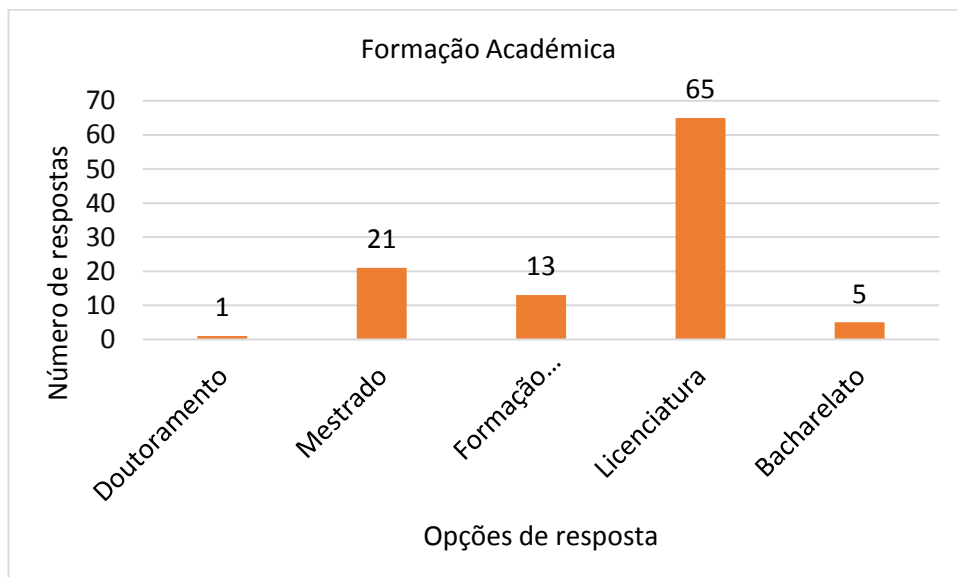
*Gráfico 28 - Sexo dos/as professores/as.*

Em relação ao sexo, podemos verificar através do gráfico 28 que a maioria (103 – 98%) dos/as participantes desta amostra é do sexo feminino. Em minoria (2 – 2%) encontra-se o sexo masculino. Assim, a este questionário responderam mais professoras que professores.



**Gráfico 29 - Faixa etária dos/as professores/as.**

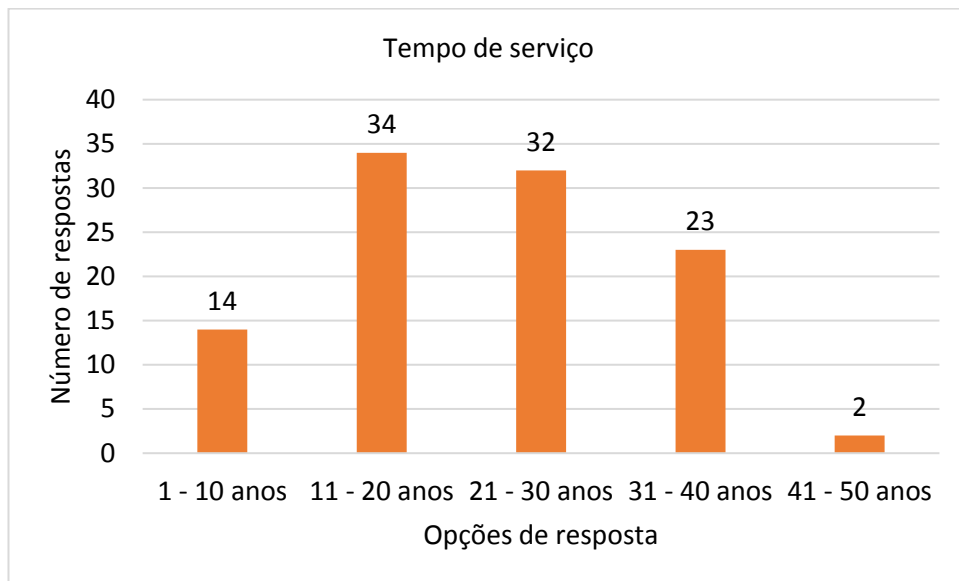
Relativamente à idade, podemos constatar, no gráfico 29, que 51 professores/as (49%) tem entre 40 a 49 anos, 34 (32%) professores/as tem 50 ou mais anos, 18 (17%) professores/as contabilizam entre 30 a 39 anos de idade, por fim, 2 (2%) professores/as estão na faixa etária dos 20 aos 29 anos. Assim, é possível concluir que a maioria dos professores/as tem entre 40 a 49 anos.



**Gráfico 30 - Formação académica dos professores/as.**

No gráfico número 30, podemos constatar que a maioria (65 – 62%) dos/as docentes possui uma licenciatura; 21 (20%) profissionais já aumentaram a sua formação académica ao concluírem o mestrado; 13 (12%) professores/as possuem uma formação especializada ou uma pós-graduação; 5 (5%) docentes concluíram o bacharelato. Por último e, em minoria, 1 (1%) docente tem o doutoramento.

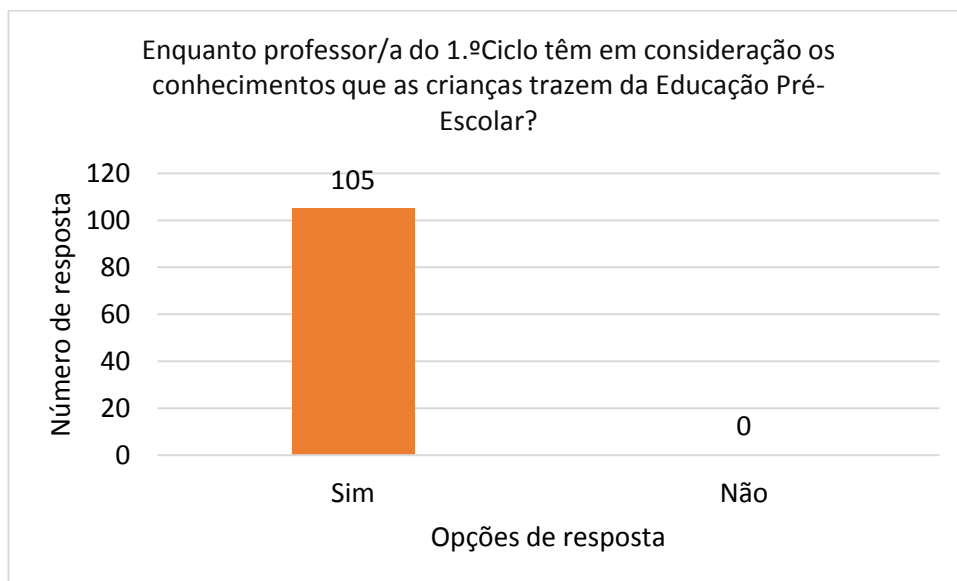
Parte 2 – Dados profissionais.



*Gráfico 31 - Anos de serviço dos professores/as.*

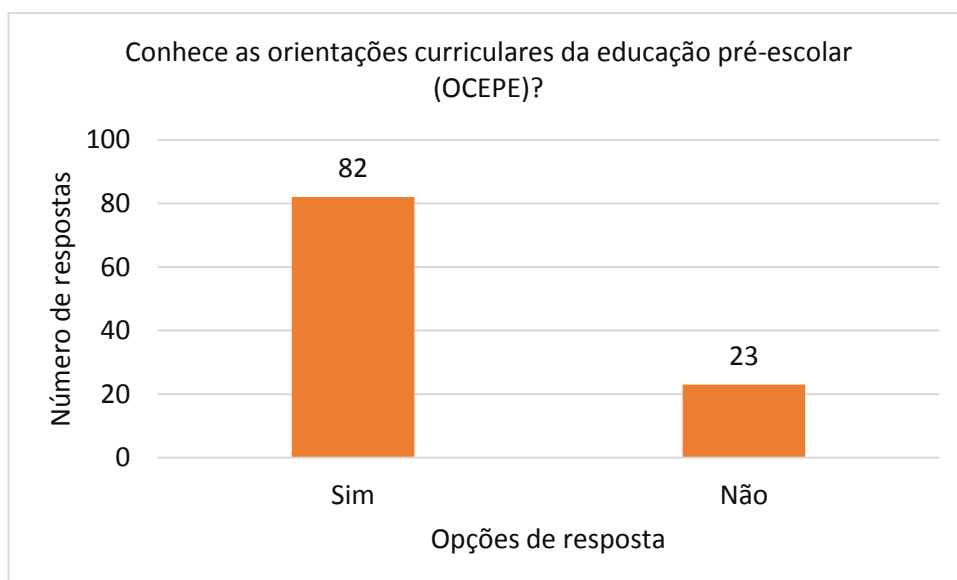
Quanto ao tempo de serviço de cada docente, podemos concluir que a maioria (34 – 32%) tem entre 11 a 20 anos de serviço, 32 (30%) professores/as contabilizam entre 21 a 30 anos de serviço. Com 31 a 40 anos de serviço encontram-se 23 (22%) profissionais. Entre 1 a 10 anos de serviço estão 14 (13%) docentes. Por fim, e em minoria, estão 2 (2%) professores/as com 41 a 50 anos de serviço.

Parte 3 – Transição entre a educação pré-escolar e 1.º CEB



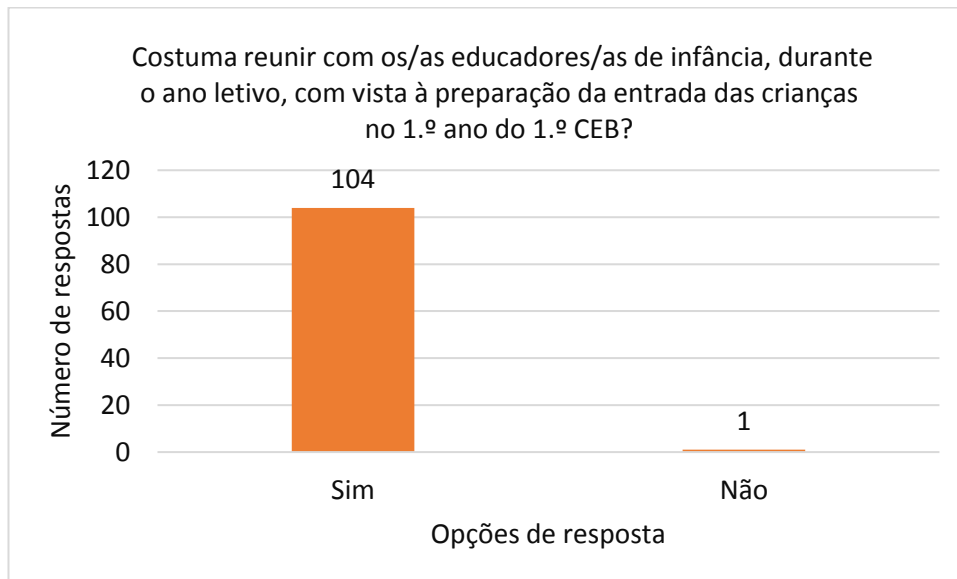
**Gráfico 32 - Número de professores/as que têm em consideração os conhecimentos que as crianças trazem da EPE.**

Quanto ao número de professores/as que têm em consideração os conhecimentos que as crianças trazem da EPE, a totalidade (105 – 100%) dos/as professores/as afirma ter em consideração os conhecimentos que as crianças trazem da educação pré-escolar. Assim, nenhum professor/a revelou não ter em consideração estes conhecimentos.



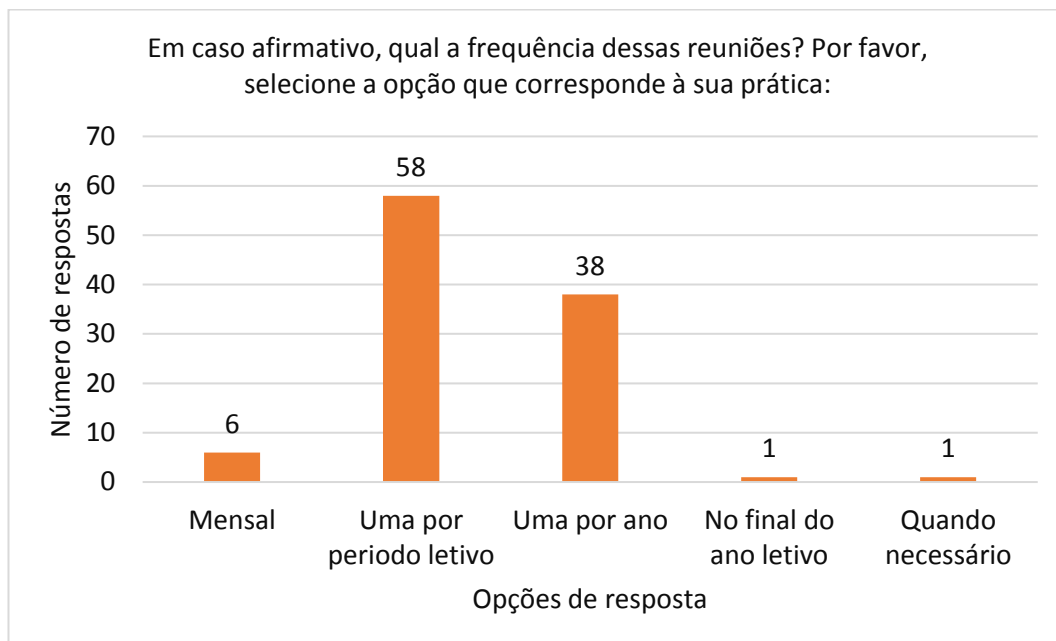
**Gráfico 33 - Número de professores/as que conhece as OCEPE.**

Relativamente ao conhecimento dos/as professores/as sobre as OCEPE, podemos observar que 82 (78%) dos/as professores/as afirmam conhecer as orientações curriculares da educação pré-escolar. No entanto, 23 (22%) professores/as dizem não ter conhecimento das OCEPE. Assim, podemos concluir que a maioria dos/as docentes tem conhecimento das orientações curriculares da educação pré-escolar.



*Gráfico 34 - Número de professores/as que costumam reunir com os/as educadores/as.*

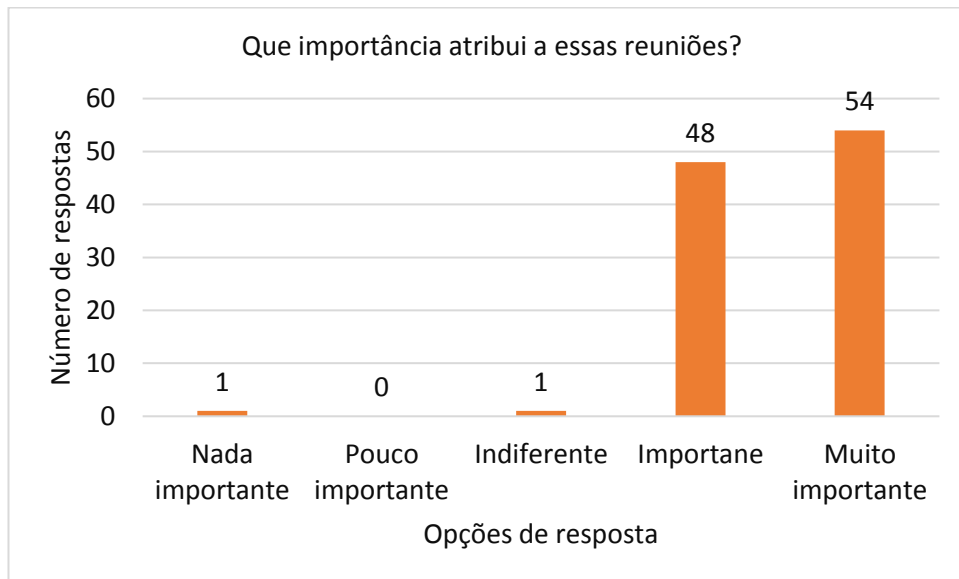
No gráfico 34, é possível perceber que a maioria (104 – 99%) dos/as professores/as costuma reunir com os/as educadores/as de infância de forma a preparar a entrada das crianças no 1.º ano do 1.º CEB. Apenas 1 (1 – 1%) professor/a não reúne durante o ano letivo com os/as educadores/as de infância.



**Gráfico 35 - Frequência das reuniões entre professores/as e educadores/as.**

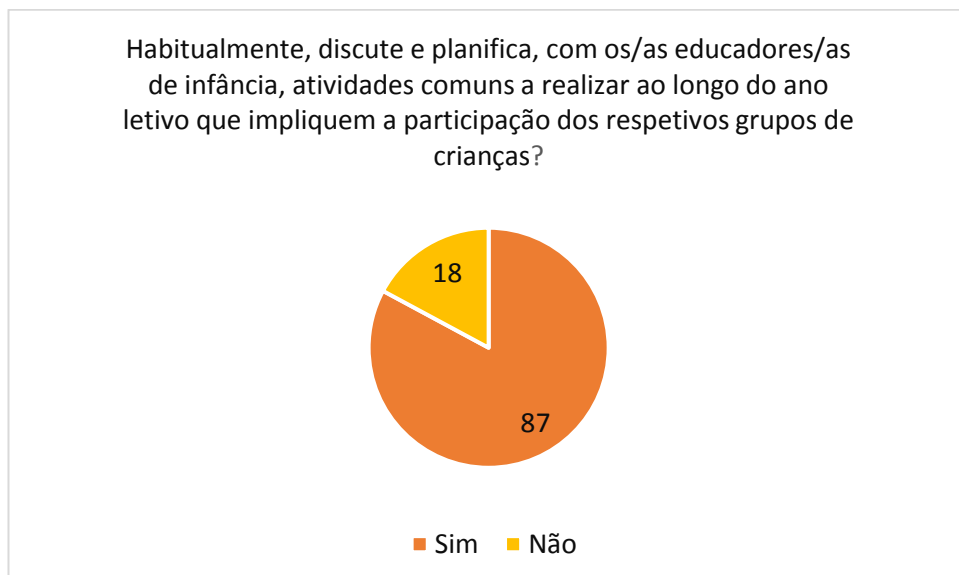
Dos/as 104 professores/as que reúnem com os/as educadores/as de infância ao longo do ano letivo, 58 (56%) reúnem uma vez a cada período letivo, 38 (36%) professores/as reúnem uma vez por ano, 6 (6%) professores/as reúnem mensalmente. Apenas 1 (1%) professor/a reúne no final do ano letivo e 1 (1%) professor/a revela reunir quando é necessário.

Assim, a maioria dos/as profissionais reúne uma vez por período letivo e uma minoria reúne no final do ano letivo, ou quando necessário.



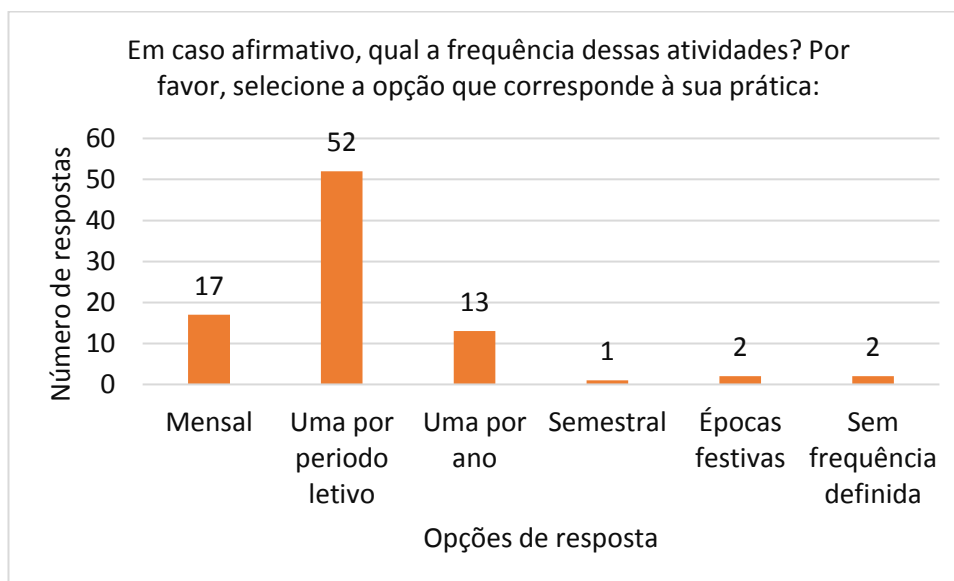
**Gráfico 36 - Grau de importância que os/as professores/as atribuem às reuniões.**

Através dos resultados obtidos no gráfico 35 constata-se que a maioria (54 - 52%) dos/as professores/as considera as reuniões muito importantes. Numa percentagem inferior, 46% dos/as professores/as classificam as reuniões como importantes. Em minoria, 1 (1%) professor/a admite que a realização destas reuniões é indiferente e 1 (1%) professor/a classifica as reuniões como nada importantes.



**Gráfico 37 - Número de professores que discute e planifica atividades com os educadores/as.**

O gráfico 37 revela o número de professores/as do 1.º CEB que discutem e planificam atividades com os/as educadores/as de infância. A maioria (87 – 83%) afirma que discute e planifica atividades que envolvem o grupo de crianças do Jardim de Infância e do 1.º ano do primeiro ciclo. Em minoria (18 – 17%) estão os/as professores/as que declaram não discutir e planificar atividades entre os dois níveis de ensino.



**Gráfico 38 - Frequência das atividades realizadas.**

No que diz respeito à frequência das atividades realizadas em articulação com a educação pré-escolar e o 1.º CEB, a maioria (52 – 50%) realiza-se uma vez a cada período letivo. 17 (16%) professores/as afirmam que as atividades decorrem mensalmente, 13 (12%) professores/as admitem realizar uma atividade por ano, 2 professores/as (2%) revelam que as atividades decorrem sem frequência definida. O mesmo número de professores (2 - 2%) afirma que as atividades se realizam em épocas festivas. Por último, e em minoria, 1 (4%) professor/a divulga que as atividades se realizam semestralmente.



**Gráfico 39 - Estratégias que os/as professores/as consideram adequadas para promover a articulação entre a EPE e o 1.º CEB.**

No último gráfico é possível observar as estratégias que os professores/as consideram adequadas para promoverem a articulação entre a EPE e o primeiro ciclo. Através da análise do gráfico, podemos observar que a maioria dos/as professores/as (39 – 37%) revela que as atividades conjuntas fazem parte das estratégias a serem utilizadas, já 30 (29%) professores/as apontam o diálogo, a cooperação e a articulação entre docentes como estratégia. Para 7 (7%) professores/as, a coordenação nas competências trabalhadas na EPE são a estratégia eleita, mas 2 (2%) professores/as revelam que a comemoração de datas festivas em conjunto é uma estratégia a ser utilizada. Somente 1 (1%) professor/a considera, como estratégia, a partilha do mesmo estabelecimento escolar.

Num total de 105 professores/as, 26 (25%) não responderam.

## Discussão dos dados obtidos

Após a apresentação e análise dos dados obtidos, é importante realizar uma apreciação global dos mesmos, comparando os dados obtidos através dos inquéritos por questionário aplicados aos/às que integram a amostra deste estudo.

Assim, no que diz respeito às encarregadas de educação, e evidenciando os aspetos mais interessantes para o estudo, há a salientar. Numa primeira parte do questionário, foi possível constatar que, relativamente ao grau de parentesco, todas as encarregadas de educação inquiridas são mães. Assim, estamos perante uma amostra com 100% de mulheres, o que é comum na realidade portuguesa, uma vez que é habitual serem as mães as responsáveis pela educação das suas crianças, em particular nestas faixas etárias.

No que respeita à idade, a análise dos dados permitiu-nos concluir que, a faixa dos 30 anos é a maior, com 15 encarregadas de educação a ocuparem esta faixa etária (68,18%). Assim, a minoria das participantes neste estudo, encontra-se na faixa etária a partir dos 40 anos, 7 (31,81%) encarregadas de educação, o que significa que a maioria foi mãe relativamente cedo.

Ainda na primeira parte do questionário e relativamente às profissões, a maioria das encarregadas de educação encontra-se ativa profissionalmente, 20 no total (90,90%). Assim, apenas 2 mães estão desempregadas (9,09%). Das 20 mães empregadas, 8 são professoras (36,36%), sendo a profissão de docente a que mais se repete. Todas as restantes profissões, 12 no total (54,54%), não se repetem, cada uma diz respeito a apenas uma mãe. Como, por exemplo, a profissão de Auxiliar de Geriatria, Enfermeira e Lojista.

A segunda parte do questionário é sobre os/as educandos/as. No que diz respeito às idades das crianças, de acordo com as respostas das encarregadas de educação, a maioria das crianças nasceu em 2014, 16 no total (72,72%). Havendo, no entanto, 6 crianças (27,27%) que nasceram no ano de 2013. Segundo o despacho n.º 5048-B/2013: “A matrícula no 1.º ano do 1.º ciclo do ensino básico é obrigatória para as crianças que completem 6 anos de idade até 15 de setembro. As crianças que completem os 6 anos de idade entre 16 de setembro e 31 de dezembro podem ingressar no 1.º ciclo do ensino

básico se tal for requerido pelo/a encarregado/a de educação, dependendo a sua aceitação definitiva da existência de vaga nas turmas já constituídas (...)”. Assim, as crianças que vão transitar para o 1.º CEB com 7 anos de idade, fazem parte do grupo de crianças condicionais que completam os 6 anos de idade entre o mês de setembro e dezembro.

No que diz respeito à transição para o 1.ºCEB, de acordo com as respostas das mães, apenas uma criança não vai transitar (4,5%), as restantes 21 crianças (95,45%) vão transitar para o primeiro ciclo. No entanto, 3 encarregadas de educação (13,63%) dizem que os/as seus/suas educandos/as não estão preparados/as para esta nova fase. Ainda assim, as mães da maioria das crianças, 19 no total (86,36%), afirma que os/as seus/suas filhos/as estão prontos/as para ingressar no primeiro ciclo. A maioria das mães (68,18%) diz que os/as seus/suas filhos/as já possuem as competências necessárias, assim como maturidade para transitar para o 1.º CEB. Apenas 3 encarregadas de educação (13,63%) consideram que os/as seus/suas filhos/as ainda não alcançaram a maturidade esperada para a transição. Duas mães (9,09%) responderam que as suas crianças têm a idade obrigatória para ingressar no 1.ºCEB. Como se pode verificar, a maioria reconhece que as crianças estão preparadas para a passagem para uma nova etapa, quer seja pela sua maturidade, competências, ou a sua idade.

Quanto ao impacto da pandemia Covid-19 na transição da EPE para o 1.ºCEB, a maioria das mães das crianças (20 – 90,90%) afirmou que eles/elas não sentiram qualquer influência, apenas as mães de 2 (9,09%) crianças disseram que houve algum efeito da pandemia no percurso escolar do/a filho/a. No entanto, quando questionadas sobre as razões pelas quais a pandemia teve, ou não, algum impacto na transição para o 1.º CEB, a maioria das mães (14 – 63,63%) não respondeu. Uma minoria (3 – 13,63%) revelou que as crianças evoluíram durante a interrupção letiva e que têm de ingressar obrigatoriamente este ano no primeiro ciclo. Uma encarregada de educação (4,5%) afirmou que a pandemia impediu a despedida do ensino pré-escolar, mas que o tempo de interrupção letiva não prejudicou o/a filho/filha. Estes dados permitem concluir que, apesar das crianças terem sido confrontadas com uma situação inesperada, acabaram por fazer o seu percurso sem grande “perturbação”, ainda que tenham deixado de vivenciar experiências específicas do Jardim de Infância.

Nos dados da terceira e última parte do questionário, é possível verificar que 13 encarregadas de educação (59,09%) estão ansiosas com a transição e uma minoria de mães (9 –40,90%) não sentem ansiedade com esta nova fase. A maioria das encarregadas de educação (5 – 22,72%) revela, como causa da sua ansiedade, a reação e adaptação das crianças, 3 inquiridas (13,63%) indicam a realidade atual como motivo de ansiedade, duas (9,09%) afirmam ser uma nova etapa, por fim, 1 (4,5%) encarregada de educação aponta para a imaturidade como razão de ansiedade.

Três (13,63%) das encarregadas de educação inquiridas não estão ansiosas porque o/a seu/sua educando/educanda está preparado/a; 2 (9,09%) mães indicam que esta é uma etapa que faz parte do crescimento e que o/a filho/a está preparado/a. O mesmo número de encarregadas de educação (2 - 9,09%) revela ser o/a segundo/a filho/a a ingressar no 1.ºCEB e, por isso, tem já um certo conhecimento desta fase da vida escolar dos/as filho/as. Por fim, uma (4,5%) das crianças participante não irá mudar de estabelecimento e isso é um fator que ameniza a ansiedade.

O gráfico relativo ao que mais preocupa as encarregadas de educação no processo de transição, indica que, na sua larga maioria, considera “nada importante” a falta de preparação, “pouco importante” o ambiente, “indiferente” e “importante” as metodologias, as novas rotinas e o ambiente. Como “muito importante” destaca-se a adaptação como a maior preocupação, o que parece perfeitamente natural porque a transição implica a mudança para uma nova realidade, o que pode causar alguma ansiedade às crianças e respetivas famílias.

Tendo em conta a análise dos dados relativamente à questão “O que vai ter em conta sobre a escola onde vai matricular o(a) seu (sua) filho(a)?”, constata-se que as regras de higiene e a distância de casa são consideradas, pela maioria, como “muito importante”. As atividades extracurriculares destacam-se pela classificação de “nada importante”. No grau de “indiferente” predominam as condições físicas. Nesta questão, realça-se o facto de ser salientadas as regras de higiene e a distância da casa, o que pode significar a preocupação com o bem-estar do/a seu/sua filho/a.

Após refletir sobre os dados dos/as encarregados/as de educação, é importante realizar, igualmente, uma abordagem sobre os dados obtidos nos questionários dirigidos a educadores/as de infância e a professores/as do 1.º CEB.

Os dados, da primeira parte de ambos os questionários, permitem verificar que estamos perante uma amostra maioritariamente do sexo feminino, com 95% de mulheres no questionário dirigido a educadores/as de infância e 98% de professoras no inquérito realizado a docentes do 1.º CEB. Este é um dado previsto sendo que, em Portugal, existem poucos profissionais de educação de infância do sexo masculino, assim como professores de 1.º CEB.

Relativamente à idade, a análise dos dados permite-nos constatar que, no grupo de educadores/as a maioria (56%) tem 50 ou mais anos. No grupo de professores/as a maioria (49%) encontra-se na faixa etária dos 40 aos 49 anos. Assim, a maioria dos/as participantes neste estudo está na faixa etária a partir dos 40 anos. Um dado que não surpreende, visto serem conhecidos dados sobre o grupo docente envelhecido.

No que diz respeito à formação académica, a maioria dos/as educadores/as (78%) e dos/as professores/as (62%) possui uma licenciatura.

Através dos dados obtidos na segunda parte dos questionários, relativamente aos dados profissionais, verifica-se que a maioria dos/as educadores/as de infância (36%) tem 31 a 40 anos de serviço. No entanto, a maioria (32%) dos/as docentes do 1.º CEB afirma ter 11 a 20 anos de serviço. Ao compararmos os anos de serviço com a idade, podemos concluir que a maioria dos/as educadores/as encontra-se numa faixa etária mais envelhecida e com mais anos de serviço. A maioria dos/as professores/as do 1.º CEB insere-se numa faixa etária mais baixa do que os/as educadores/as e também apresenta menos anos de serviço.

As respostas dadas na terceira e última parte dos questionários, relativamente à transição da EPE para o 1.º CEB, permitem constatar que 100% dos/as professores/as do 1.ºCiclo têm em consideração os conhecimentos que as crianças trazem da Educação Pré-Escolar. No entanto, apenas (78%) dos/as professores/as conhece as OCEPE. A maioria dos/as educadores/as 64% afirma conhecer o programa do 1.º CEB.

Relativamente à articulação entre educadores/as e professores/as, 74% dos/as educadores/as afirmam reunir com os/as professores/as do 1.º CEB, durante o ano letivo, com vista à preparação da entrada das crianças no 1.º ano do 1.º CEB. A maioria dos/as professores/as (99%) também afirma reunir com os/as educadores/as com o mesmo propósito. A maioria (33%) dos/das educadores/as revela que reúne uma vez por período letivo, tal como a maioria (56%) dos/das professores/as. A maioria (41%) dos/das educadores/as classifica as reuniões como importantes, enquanto que a maioria (51%) dos/as professores/as considera as reuniões muito importantes.

No que diz respeito às visitas à escola do 1.º CEB, a maioria (85%) dos/das educadores/as afirma organizar visitas para crianças que vão frequentar o 1.º ano, para conhecimento da dinâmica e do funcionamento da escola. Também a maioria dos/as educadores/as (95%) revela conversar com as crianças, apresentando positivamente a nova etapa para que elas se sintam mais confiantes.

Quando questionados/as, os/as educadores/as e professores/as, se habitualmente discutem e planificam atividades comuns a realizar ao longo do ano letivo que impliquem a participação dos respetivos grupos de crianças, a maioria (69%) dos/das educadores e dos/as professores/as (83%) revela que sim. A maioria (33%) dos/das educadores/as afirma que discutem e planificam uma vez por período letivo, tal como a maioria (50%) dos/as professores/as.

Por último e relativamente às estratégias que professores/as e educadores/as consideram ser as mais adequadas para promoverem a articulação entre o jardim de infância e a escola do 1.ºCEB, a maioria (46%) dos/as educadores/as aponta as visitas à escola, às salas e realização de atividades conjuntas como a melhor estratégia. A maioria (37%) dos/as professores/as do 1.º CEB considera as atividades conjuntas como melhor estratégia. Assim, as atividades conjuntas são apontadas como uma boa estratégia a ser utilizada por ambos os grupos de docentes.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

No presente relatório apresenta-se um trabalho de pesquisa, o qual procurou abordar a transição entre a educação pré-escolar e o 1.º ano do 1.º CEB. Neste estudo, para a recolha de dados aplicaram-se três inquéritos por questionário *online*. Um deles dirigido a encarregados/as de educação com filhos/as a frequentarem o último ano da educação pré-escolar (Q1), outro a educadores/as de infância (Q2) e, ainda, um outro, a professores/as do 1.º CEB (Q3).

Os questionários visavam identificar as principais preocupações dos/as encarregados/as de educação no processo de transição entre a educação pré-escolar e o 1.º ano do 1.º CEB; conhecer os motivos que levam os/as encarregados/as de educação a eleger a escola do 1.º CEB; reconhecer os fatores de continuidade, ou de rutura, na transição entre a educação pré-escolar para o 1.º ano do 1.º CEB; verificar se a nova realidade alterou a decisão da transição da educação pré-escolar para o 1.º ano do 1.º CEB; perceber como é que os/as educadores/as e professores/as do 1.º CEB gerem a transição entre a EPE e o 1.º CEB; conhecer as estratégias que os/as educadores/as e professores/as do 1.º CEB consideram adequadas para promover a articulação entre o jardim de infância e a escola do 1.ºCEB.

Uma transição é vista como um momento difícil e desafiante, sendo, muitas vezes, caracterizada pelo medo, pela ansiedade e pelas dificuldades que pode provocar.

No ano letivo 2019/2020, as crianças, os/as professores/as e os/as encarregados/as de educação foram sujeitos a um grande desafio devido à pandemia Covid-19. As atividades letivas foram suspensas durante o 2.º período e todos tiveram de permanecer em casa durante um longo período de tempo. Muitas crianças só regressaram à escola no letivo 2020/2021. Assim, esperava-se que toda esta realidade viesse trazer um desafio acrescido ou alterações no momento da transição da educação pré-escolar para o 1.º CEB.

Nesta investigação, após ser feita a análise dos diversos questionários, foi possível constatar que não existiu grande alteração na decisão da transição devido à realidade atual da educação provocada pela pandemia Covid-19, assim como, perceber que a maioria das encarregadas de educação afirma que as crianças estão preparadas para a passagem para esta nova etapa, não expressando grandes preocupações.

Relativamente às respostas dos/as encarregados/as de educação, é possível constatar que apresentaram um resultado diferente do que se poderia esperar. Com efeito, apesar da maioria ter manifestado preocupação, motivada pela incerteza quanto à adaptação do/a seu/sua filho/a, não foi registada grande ansiedade, medo ou incertezas.

No que diz respeito aos/às educadores/as e aos/às professores/as, é possível perceber que a maioria gere a transição da EPE para o 1.º CEB de forma semelhante. Os dois grupos de docentes afirmaram recorrer a reuniões e atividades conjuntas entre os dois níveis de ensino como estratégias principais de articulação entre o jardim de infância e a escola do 1.ºCEB.

Ao longo do seu percurso educativo a criança enfrenta momentos de mudança, os quais podem ser mais ou menos preocupantes. Quando se trata de crianças pequenas e da sua passagem do JI para a escola do 1.º CEB, é necessário que todos os intervenientes no processo conjuguem esforços para minimizar eventuais efeitos nefastos.

Tendo-se realizado este trabalho em tempos de pandemia, poderia encontrar-se maior ansiedade e insegurança, em particular por parte das famílias. No entanto, os resultados mostram que, genericamente, as mães que integram a amostra consideram que os/as seus/suas filhos/as estão preparados/as para a entrada na escola obrigatória. Por outro lado, os/as educadores/as de infância e os/as professores/as do 1.º CEB reconhecem ser necessário dar atenção a este momento de transição e, como tal, salientam a importância de atividades conjuntas, durante o ano letivo, como estratégia de articulação entre os dois níveis educativos.

Por fim, ao terminar esta investigação é importante fazer uma retrospectiva de todo o caminho percorrido na realização da mesma. Um caminho longo, desafiante, exigente, mas que me permite concretizar um sonho, ser educadora de infância e professora de 1.º CEB.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Alarcão, I.; Roldão, C. (2008). *A Educação das Crianças dos 0 aos 12 Anos – Relatório de Estudo*. Lisboa: Conselho Nacional de Educação.

Amado, J. (2014). *Manual de Investigação Qualitativa em Educação*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.

Costa, S. (2019). *A transição entre Educação Pré-Escolar e o 1.º Ciclo do Ensino Básico: as perceções dos/as educadores/as e dos/as professores/as do 1.º CEB*. Relatório Final apresentado para a obtenção o grau de Mestre. Coimbra: Escola Superior de Educação/ Instituto Politécnico de Coimbra.

Coutinho, C.P. (2013). *Metodologia de investigação em ciências sociais e humanas: Teoria e prática (2ª ed.)*. Lisboa: Almedina.

Cruz, A. (2012). *A Articulação Curricular entre a Educação Pré-Escolar e o 1.º Ciclo do Ensino Básico*. Relatório Final apresentado para a obtenção o grau de Mestre. Portalegre: Escola Superior de Educação de Portalegre/ Instituto Politécnico de Portalegre.

Formosinho, J.; Monge, G.; Oliveira-Formosinho, J. (2016). *Transição entre ciclos educativos: Uma investigação praxeológica*. Porto: Porto Editora.

Fortin, M. (1999). *O processo de investigação: da conceção à realização*. Loures: Lusociência.

Gomes, S. (2020). *A Transição do Pré-Escolar para o 1.º Ciclo do Ensino Básico: Trabalho colaborativo entre educadores e professores*. Relatório Final apresentado para a obtenção o grau de Mestre. Lisboa: Instituto Superior de Educação e Ciências

Gonçalves, M. (2013). *A Comunicação na Transição do Pré-Escolar para o 1.º Ciclo*. Relatório Final apresentado para a obtenção o grau de Mestre. Lisboa: Escola Superior de Educação Almeida Garret.

Leigo, R. (2020). *Ser Educadora: refletindo sobre um percurso de desafios e conquistas e investigando o papel da família na transição entre o Jardim de Infância e o 1.º Ciclo do Ensino Básico*. Relatório Final apresentado para a obtenção o grau de Mestre. Leiria: Escola Superior de Educação e Ciências Sociais/ Instituto Politécnico de Leiria.

Ministério da Educação (2016). *Orientação Curriculares para a Educação Pré-Escolar*. Lisboa: Ministério da Educação/Direção-Geral da Educação (DGE).

Ministério da Educação (2017). *Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória*. Lisboa: Ministério da Educação/Direção Geral de Educação (DGE).

Oliveira, M. (2016). Entre o jardim de infância e a escola do 1.º CEB – Estratégias de transição para a escolaridade obrigatória, *Investigação Qualitativa em Educação*, Volume 1, pp. 118-127.

Pardal, A. (2019). *A transição entre a Educação Pré-Escolar e o 1º Ciclo do Ensino Básico*. Relatório Final apresentado para a obtenção o grau de Mestre. Santarém: Escola Superior de Educação/Instituto Politécnico de Santarém.

Pereira, J (2014). *A entrada no 1º CEB – Um estudo junto de uma turma do 1.º Ano de escolaridade*. Relatório Final apresentado para a obtenção o grau de Mestre. Aveiro: Universidade de Aveiro.

Pires, Brito, Velho (2020). Entre a educação pré-escolar e o 1º Ciclo do Ensino Básico – A perceção da criança. *Revista Egítania Scientia*, 2020, pp. 67-83. Special edition- education ISSN: 1646-8848.

Portugal, G. (2009). Para o educador que queremos, que formação assegurar? *Revista Exedra*, pp. 9-24. Aveiro: Universidade de Aveiro.

Quivy, R. & Campenhoudt, L.V. (1998). *Manual de Investigação em Ciências Sociais* (2ª ed). Lisboa: Gradiva.

Roldão, M.C. (2008). *A Educação das Crianças dos 0 aos 12 Anos – Relatório de Estudo*. Lisboa: Conselho Nacional de Educação.

Serra, C. (2004). *Currículo na Educação Pré-Escolar e Articulação Curricular com o 1º Ciclo do Ensino Básico*. Porto: Porto Editora.

Silva, S. (2020). *O Processo de Transição das Crianças da Educação Pré-Escolar para o 1.º Ciclo do Ensino Básico*. Relatório Final apresentado para a obtenção o grau de Mestre. Santarém: Escola Superior de Educação/ Instituto Politécnico de Santarém.

Sim-Sim, I. (2010). Pontos, desníveis e sustos na transição entre a Educação Pré-Escolar e o 1.º ciclo da educação básica. *Revista Exedra*, n.º 9, pp.111-118.

Sousa, M.J. & Batista, C. S. (2011). *Como fazer Investigação, Dissertações, Teses e Relatórios: segundo Bolonha (4.ª ed.)*. Lisboa: Pactor Edições.

Vasconcelos, T. (2009). Educação de infância e promoção da coesão social, *in* I. Alarcão (Ed.), *A educação das crianças dos 0 aos 12 anos* (pp. 141-175). Lisboa: CNE - Conselho Nacional de Educação.

### **Legislação consultada**

Lei n.º 46/86, de 14 de outubro, publicada no Diário da República n.º 237 – Série I-A. Ministério da Educação.

Lei n.º 5/97, de 10 de fevereiro, publicada no Diário da República n.º 34 – Série I-A. Ministério da Educação.

Decreto-Lei n.º 241/2001, de 30 de agosto de 2001, publicado no Diário da República n.º 201, 1.ª série - A. Ministério da Educação.

Lei n.º 85/2009, de 27 de agosto, publicada no Diário da República n.º 166 – Série I-A. Ministério da Educação

Decreto-Lei n.º 176/2012, de 2 de agosto de 2012, publicado no Diário da República n.º 149, 1.ª série. Ministério da Educação e da Ciência.

Despacho n.º 5048-B/2013, de 12 de abril de 2013, publicado no Diário da República n.º 72 – Série 2. Ministério da Educação e da Ciência.

Lei n.º 65/2015, 3 de julho, publicada no Diário da República n.º 128 – Série I-A. Ministério da Educação.

Despacho n.º 6944-A/2018, de 19 de julho de 2018, publicado no Diário da República n.º 138 – Série 2. Ministério da Educação.

### **Webgrafia**

<https://www.pordata.pt/Portugal/Alunos+matriculados+no+ensino+pr%C3%A9+escolar+total+e+por+sexo-852> consultado a ....

<https://dicionario.priberam.org/transi%C3%A7%C3%A3o> consultado a 31 de dezembro de 2020.

## APÊNDICES

### APÊNDICE I – Questionário aos/às Encarregados/as de Educação (Q1)

O presente questionário é parte integrante do Relatório Final, no âmbito do Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico da Escola Superior de Educação de Coimbra, e tem como finalidade obter dados sobre a transição entre a Educação Pré-Escolar e o 1.º ano do 1.º Ciclo do Ensino Básico.

Os dados obtidos, através das suas respostas, serão anónimos e confidenciais, servindo apenas para a realização deste estudo.

Para que possa atingir os nossos objetivos, é fundamental que conheça a sua perspetiva sobre a temática acima indicada, pelo que solicito o preenchimento deste questionário.

Grata pela colaboração

#### DADOS PESSOAIS

1. Grau de Parentesco: \_\_\_\_\_

2. Idade: \_\_\_\_\_

3. Profissão: \_\_\_\_\_

#### SOBRE A CRIANÇA

4. Data de nascimento do(a) seu (sua) filho(a):

\_\_\_\_\_

**5. O seu(sua) filho(a) vai transitar para o primeiro ciclo?**

Sim

Não

**6. Acha que o/a seu/sua filho/a está preparado/a para entrar no 1.º CEB?**

Sim

Não

**Apresente a razão (ou as razões) da sua resposta:**

---

---

**7. A situação atual, resultante da pandemia Covid-19, veio alterar ou influenciar a transição do seu (sua) filho(a) para o 1.º CEB?**

Sim

Não

**7.1 Indique a razão.**

---

---

## **SOBRE O(A) ENCARREGADO(A) DE EDUCAÇÃO**

### **8. Sente-se ansioso(a) pela transição?**

Sim

Não

**8.1 No caso de ter escolhido SIM, indique algumas razões que o(a) levam a estar ansioso(a).**

---

---

**8.2 Se, pelo contrário, escolheu o NÃO, indique as razões pelas quais não está ansioso(a).**

---

---

### **9. O que mais o(a) preocupa?**

**Indique de 1 a 5, por ordem de importância (sendo o 1 o menos importante e o 5 o mais importante).**

	<b>1</b>	<b>2</b>	<b>3</b>	<b>4</b>	<b>5</b>
Adaptação					
Novas rotinas					
Ambiente					
Metodologias					
Falta de preparação					

**10. O que vai ter em conta sobre a escola onde vai matricular o(a) seu (sua) filho(a)?**

**Indique de 1 a 5, por ordem de importância (sendo o 1 o menos importante e o 5 o mais importante).**

	<b>1</b>	<b>2</b>	<b>3</b>	<b>4</b>	<b>5</b>
Metodologias usadas					
Condições físicas					
Distância de casa					
Atividades extracurriculares					
Horário de funcionamento					

## APÊNDICE II – Questionário aos/às Educadores/as de Infância (Q2)

O presente questionário é parte integrante do Relatório Final, no âmbito do Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico da Escola Superior de Educação de Coimbra, e tem como finalidade obter dados sobre a transição entre a Educação Pré-Escolar e o 1.º ano do 1.º Ciclo do Ensino Básico.

Os dados obtidos, através das suas respostas, serão anónimos e confidenciais, servindo apenas para a realização deste estudo.

Para que possa atingir os nossos objetivos, é fundamental que conheça a sua perspetiva sobre a temática acima indicada, pelo que solicito o preenchimento deste questionário.

Grata pela colaboração

### DADOS PESSOAIS

**1. Sexo:**

Feminino

Masculino

**2. Idade:**

20 – 29 anos

30 – 39 anos

40 – 49 anos

50 ou + anos

**3. Formação académica:**

Doutoramento

Mestrado

Formação especializada / Pós-graduação

Licenciatura

Bacharelato

Outra opção. Qual? \_\_\_\_\_.

**DADOS PROFISSIONAIS**

**4. Profissão:** Educador/a.

**5. Tempo de serviço:** \_\_\_\_\_ anos.

**TRANSIÇÃO ENTRE A EDUCAÇÃO PRÉ-ESCOLAR E O 1.º CEB**

**6. Conhece o programa do 1.ºCEB?**

Sim

Não

**7. Costuma reunir com os/as professores/as do 1.º CEB, durante o ano letivo, com vista à preparação da entrada das crianças no 1.º ano do 1.º CEB?**

Sim

Não

**8. Em caso afirmativo, qual a frequência dessas reuniões? Por favor, selecione a opção que corresponde à sua prática:**

Mensal

Uma por período letivo

Uma por ano

Outro: \_\_\_\_\_

**9. Que importância atribui a essas reuniões?**

Nada importante

Pouco importante

Indiferente

Importante

Muito importante

**10. Costuma organizar visitas à escola do 1.º CEB para crianças que vão frequentar o 1.º ano, para conhecimento da dinâmica e do funcionamento da escola?**

Sim

Não

**11. Costuma conversar com as crianças, apresentando positivamente a nova etapa para que elas se sintam mais confiantes?**

Sim

Não

**12. Habitualmente, discute e planifica, com os/as professores/as do 1.º CEB, atividades comuns a realizar ao longo do ano letivo que impliquem a participação dos respetivos grupos de crianças?**

Sim

Não

**13. Em caso afirmativo, qual a frequência dessas atividades? Por favor, selecione a opção que corresponde à sua prática:**

Mensal

Uma por período letivo

Uma por ano

Outro: \_\_\_\_\_

**14. Que estratégias considera ser as mais adequadas para promoverem a articulação entre o jardim de infância e a escola do 1.ºCEB?**

---

---

### APÊNDICE III – Questionário aos/às Professores/as do 1.º CEB (Q3)

O presente questionário é parte integrante do Relatório Final, no âmbito do Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico da Escola Superior de Educação de Coimbra, e tem como finalidade obter dados sobre a transição entre a Educação Pré-Escolar e o 1.º ano do 1.º Ciclo do Ensino Básico.

Os dados obtidos, através das suas respostas, serão anónimos e confidenciais, servindo apenas para a realização deste estudo.

Para que possa atingir os nossos objetivos, é fundamental que conheça a sua perspetiva sobre a temática acima indicada, pelo que solicito o preenchimento deste questionário.

Grata pela colaboração

#### DADOS PESSOAIS

**1. Sexo:**

Feminino

Masculino

**2. Idade:**

20 – 29 anos

30 – 39 anos

40 – 49 anos

50 ou + anos

**3. Formação académica:**

Doutoramento

Mestrado

Formação especializada / Pós-graduação

Licenciatura

Bacharelato

Outra opção. Qual? \_\_\_\_\_.

**DADOS PROFISSIONAIS**

**4. Profissão:** Professor/a.

**5. Tempo de serviço:** \_\_\_\_\_ anos.

**TRANSIÇÃO ENTRE A EDUCAÇÃO PRÉ-ESCOLAR E O 1.º CEB**

**6. Enquanto professor/a do 1.ºCiclo têm em consideração os conhecimentos que as crianças trazem da Educação Pré-Escolar?**

Sim

Não

**7. Conhece as orientações curriculares da educação pré-escolar (OCEPE)?**

Sim

Não

**8. Costuma reunir com os/as educadores/as de infância, durante o ano letivo, com vista à preparação da entrada das crianças no 1.º ano do 1.º CEB?**

Sim

Não

**9. Em caso afirmativo, qual a frequência dessas reuniões? Por favor, selecione a opção que corresponde à sua prática:**

Mensal

Uma por período letivo

Uma por ano

Outro: \_\_\_\_\_

**10. Que importância atribui a essas reuniões?**

Nada importante

Pouco importante

Indiferente

Importante

Muito importante

**11. Habitualmente, discute e planifica, com os/as educadores/as de infância, atividades comuns a realizar ao longo do ano letivo que impliquem a participação dos respetivos grupos de crianças?**

Sim

Não

**12. Em caso afirmativo, qual a frequência dessas atividades? Por favor, selecione a opção que corresponde à sua prática:**

Mensal

Uma por período letivo

Uma por ano

Outro: \_\_\_\_\_

**13. Que estratégias considera ser as mais adequadas para promoverem a articulação entre o jardim de infância e a escola do 1.ºCEB?**

---

---

